

PENTAGRAMA

2002 NÚMERO 4

Revista bimestral do

LECTORIUM ROSICRUCIANUM



CRITICAR, JULGAR OU CONDENAR

QUAL É O SEGREDO DO UNIVERSO?

O CONFLITO DOS DESEJOS

HOMEM, CONHECE-TE A TI MESMO!

NÃO PODE SER O QUE NÃO PODE SER!

DIÁLOGO UNIVERSAL ENTRE HERMES E ASCLÉPIO

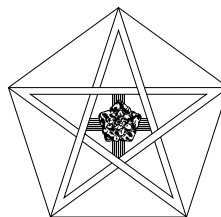
PERDIDO NO LABIRINTO DO TEMPO

«PORQUE ONDE ESTIVEREM DOIS OU TRÊS REUNIDOS

EM MEU NOME, ALI ESTOU NO MEIO DELES»

O SER DE DEUS É COMO UM CÍRCULO

SOMBRAS MANTÊM O HOMEM APRISIONADO



Redação

C. Bode, H.v.d. Brul,
I.W. v. d. Brul, R. Bürmann, P. Huys,
H.P.Knevel, A. Stockman-Griever,
G. Uljée

Endereço da Redação

Pentagram,
Maartensdijkseweg 1,
NL – 3723 MC Bilthoven, Holanda.
info@rozekruispers.com

Edição Brasileira

Editora Rosacruz
Administração e Vendas
Caixa Postal 39
Jarinu – SP – CEP 13240-000
Brasil
Tel: (011) 4016-4234
Fax: (011) 4016-3405
editorarosacruz@amhanet.com.br

Editado nos seguintes idiomas

Holandês, Português, Alemão,
Espanhol, Francês, Grego*, Húngaro*,
Inglês, Italiano*, Polonês*,
Russo*, Sueco*.

A revista é editada 6 vezes por ano

(*Editada 4 vezes por ano)

© Stichting Rozekruis Pers.

A reprodução somente é permitida com
autorização prévia por escrito.

ISSN 1677-2253

REVISTA BIMESTRAL DA ESCOLA INTERNACIONAL DA ROSACRUZ ÁUREA LECTORIUM ROSICRUCIANUM

A revista Pentagrama propõe-se a atrair a atenção de
seus leitores para a nova era que já se iniciou para o
desenvolvimento da humanidade.

O Pentagrama tem sido, através dos tempos, o símbolo
do homem renascido, do novo homem. Ele é também
o símbolo do universo e de seu eterno devir, por meio
do qual o plano de Deus se manifesta. Entretanto,
um símbolo somente tem valor
quando se torna realidade. O homem que realiza
o Pentagrama em seu microcosmo, em seu próprio
pequeno mundo, está no caminho
da transfiguração.

A revista Pentagrama convida o leitor a operar
esta revolução espiritual em seu próprio interior.

PENTAGRAMA

CRITICAR, JULGAR OU CONDENAR

Para quem almeja uma purificação espiritual
é exigência imprescindível abandonar a crítica em
todas as suas formas. No Evangelho de Mateus, capítulo 7,
versículo 1, é dito: «Não julgueis, para que não sejais
julgados.» Essa advertência ainda é válida
em nossos dias.



ÍNDICE

- 5 CRITICAR, JULGAR OU
CONDENAR
- 6 QUAL É O SEGREDO DO
UNIVERSO?
- 8 O CONFLITO DOS
DESEJOS
- 13 HOMEM, CONHECE-TE
A TI MESMO!
- 16 NÃO PODE SER O QUE
NÃO PODE SER!
- 21 DIÁLOGO UNIVERSAL
ENTRE HERMES E
ASCLÉPIO
- 22 PERDIDO NO LABIRINTO
DO TEMPO
- 29 «PORQUE ONDE
ESTIVEREM DOIS OU
TRÊS REUNIDOS EM MEU
NOME, ALI ESTOU NO
MEIO DELES»
- 32 O SER DE DEUS É COMO
UM CÍRCULO
- 38 SOMBRAS MANTÊM O
HOMEM APRISIONADO

ANO 24
NÚMERO 4

AVALIAR, JULGAR OU CONDENAR

Para quem almeja uma purificação espiritual é exigência imprescindível abandonar a crítica em todas as suas formas. No Evangelho de Mateus, capítulo 7, versículo 1, é dito: «Não julgueis, para que não sejais julgados.» Essa advertência ainda é válida em nossos dias.

Palavras como avaliar, analisar, examinar, têm valor neutro. Nós lhes atribuímos valores de acordo com nosso estado de ser. Mas condenar significa opor-se a outra pessoa por considerar-se melhor do que ela. Quando se diz que o amor não julga, quer-se dizer que ele é completamente neutro em sua própria avaliação para com tudo e com todos. Quem expressa um preconceito não se dá ao trabalho de sondar realmente o assunto. Um preconceito baseia-se numa falta de informação e de percepção. Quando o eu faz um pré-julgamento, ele se isola da realidade.

Criticar significa, atualmente, avaliar a qualidade, o valor ou a verdade de algo. Contudo, o resultado final é geralmente desfavorável. Fala-se também muito sobre crítica positiva ou construtiva, mas mesmo nesses casos ela se baseia nas normas e valores de quem critica. Entretanto, a palavra grega *kritiké* originalmente significava *a arte de julgar*, e certamente não: *condenar*. A *kritiké* ensinava a perceber o desenvolvimento da razão. Sob a pressão da evolução os homens deixaram de ser naturais e isso forçou o desenvolvimento da razão. Essa capacidade e as percepções e conclusões a que chegaram, foram determinantes

para seu vir a ser como *homo sapiens*. Com o passar dos séculos, essa capacidade tornou-se um método mais ou menos refinado, destinado a colocar o próximo em seu devido lugar e, se necessário, feri-lo. A crítica tornou-se arma de luta e o julgamento transformou-se em condenação.

Em sua luta pela existência, a humanidade desenvolveu a formidável arma da crítica falada e escrita, tendo alcançado a supremacia especialmente nas democracias modernas. Essa arma emergiu, portanto, não somente como necessidade de sobrevivência, mas também como algo extremamente apropriado para diminuir o outro em relação a si mesmo e conquistar poder, posses e glória em prejuízo de seu semelhante. Até as crianças aprendem desde bem cedo como podem ultrapassar seus amiguinhos e amiguinhas.

Originalmente as pessoas empregavam a *kritiké* em si mesmas e essa auto-análise servia para obter autocohecimento. Dessa forma, podiam avaliar e julgar suas próprias ações e, ainda quando necessário, aperfeiçoá-las. Uma autocrítica honesta conduz, freqüentemente, a uma constatação muito desagradável. Em geral, uma pessoa não se sente de forma alguma confortável diante dessas situações. Pelo contrário: ela as receia, pois sabe que assim entrará mais facilmente em crise. Aliás, a palavra *crise* tem a mesma raiz que crítica: as crises se originam em pontos críticos. Na realidade, as crises são momentos psicológicos em que um exame e uma análise são necessários para que se possa superá-las. São situações, experiências, descobertas de limites, onde uma decisão é



Toda crítica fere.
Der Nagelkopf
(A cabeça de prego), escultura
de Rainer Kriester,
Osnabrück, Ale-
manha

crucial. Dessa forma, as crises podem ser de grande ajuda, pois por seu intermédio obtém-se autoconhecimento e conhecimento em relação à vida.

Quem aceita essa ajuda, apesar do aspecto bastante desagradável ligado a ela, alcança um limite além do qual a auto-análise já não pode auxiliá-lo. Mais claro do que nunca ele percebe que está ligado ao nascimento e à morte. Ele anela pelo incorruptível, vê para onde toda a série de crises o levou

e reconhece que não é capaz de vencer essas crises armado da faculdade racional crítica. Na melhor das hipóteses, ela o faz reconhecer claramente a prisão onde ele se encontra.

Se a crítica não pode revelar novas perspectivas, de que maneira pode, então, a ausência de crítica oferecer ajuda ou trazer a liberdade almejada? Quando vemos o quanto a existência degenerou, talvez fique mais claro porque não é recomendado julgar.



Criticar, julgar ou
condenar? Foto
Pentagrama

Jesus estabeleceu a seus discípulos (portanto aos homens anelantes) a condição para que eles pudessem libertar em si mesmos o divino – que está acima de toda a crítica – e dele se conscientizar. Essa condição permanece, portanto, essencial, pois o eu – mais especificamente as faculdades mentais, emocionais e de ação – se alimenta mediante a crítica em todas as suas formas de expressão.

Quem deseja alcançar o estado de ausência de crítica somente o conseguirá se não se apoiar no eu, pois o eu vive do julgamento e da condenação, que são suas armas na luta pela existência. Portanto, o chamado do Novo Testamento também não diz respeito a eus endurecidos, mas a homens que, interiormente, vivem em dois mundos. Quando o impulso divino se manifesta claramente em alguém, este pode ver e perceber o mal que causa com sua crítica. Mediante seu princípio divino, ele pode se harmonizar com outra condição de vida, onde a desamorosa manifestação de «crítica» é substituí-

da pela amorosa manifestação de «compaixão».

Ausência de crítica é uma condição em que não são proferidos julgamentos, embora haja discernimento e se reconheça a existência de diferenças. O impulso para manifestar os próprios valores, normas e representações ou até para impô-los aos outros, desaparece. Quem pode viver sem crítica já não se deixa dirigir nem se desencaminhar pelo intelecto devido a falta de compreensão ou a emoções, e passa a considerar o mundo de modo neutro, pleno de compreensão e amor, livre de todo ódio e autodefesa. Estar livre de crítica é, portanto, também o atributo do amor universal que desperta nos homens a compreensão e o amor pelo semelhante. Mas o amor não é cego: ele não permite abusos. A partir do momento em que o amor se torna dirigente na personalidade cujo eu se entregou, desaparece qualquer necessidade de crítica. Então surge um novo homem cuja consciência vive no amor de Deus e que d'Ele também testemunha.

QUAL É O SEGREDO DO UNIVERSO?

Há um impulso para elevar-se, um caminho para voar além da Terra. Tornar-se livre da força de atração da Terra. Liberdade! Olhar para o alto e perder-se no imenso espaço do universo. Sempre procurando mais alto e mais longe, o homem quer conquistar o espaço, mediante sua curiosidade e seu impulso apaixonado por conhecimento. Qual é o segredo do universo? E poderá o homem algum dia decifrá-lo?

O homem irradia algo de si mesmo. Ele tem um campo de radiação, um campo de respiração que, consciente ou inconscientemente, é vivenciado pelos seus semelhantes. Nesse campo de respiração o homem se manifesta. Esse campo é luminoso, vibrante de energia reluzente e tem uma estrutura perfeita e própria, determinada pelas qualidades e capacidades de seu proprietário. Esse é um campo onde o pensar, sentir e desejar se refletem, onde o caráter se define e irradia. Através dele, originam-se uma atração e uma rejeição, uma vez que cada um tem suas próprias inclinações.

Como participantes da sociedade, os homens se encontram em movimento, cada um dentro de seu campo de respiração, cada um no encaixe de suas necessidades. Eles se influenciam uns aos outros, em sentido positivo ou negativo, no bem ou no mal. Muitas vezes, inconscientemente, absorvemos como uma esponja as palavras expressas por outra pessoa. Assim, o espaço circundante, que é de importância vital para poder respirar e observar livremente, pode ser puro ou não.

Quando estamos numa praia, podemos ser invadidos por uma sensação de liberdade e de beleza. O mar e o ar parecem abarcar o horizonte, fundindo-se no imenso espaço. Assim, quase mergulhamos na imensidão e é como se o espaço nos abraçasse. E, por mais estranho que isto possa parecer, o espaço também é interiormente identificado e vivenciado. É apenas uma imagem momentânea, apresentada pelas circunstâncias, pois tudo é delineado e colorido pelas coisas que nos atraem no momento. Mas essa imagem é o reconhecimento de que algo grandioso aconteceu. Na realidade, mostra que também o espaço interior existe, um espaço em perspectiva, a partir do qual podemos trabalhar e pensar. Podemos até dizer que esse espaço, esse sentimento de liberdade, pode ser evocado por si mesmo.

Como foi dito, é uma imagem momentânea. Em geral, a humanidade não tem tanto espaço nem tanta grandeza em seu pensar e desejar. Ela tende a viver de acordo com padrões e opiniões fixos e pouco se afasta disso. Há pouquíssimo espaço para novas idéias. Os homens se detêm diante da inspiração. Tudo está sobrecarregado e preenchido pela dor dos próprios pensamentos.

A IMPORTÂNCIA DO PENSAR

Na realidade, em tais momentos de descontração, pela visão e vivência de um imenso espaço, pode chegar o momento psicológico onde essa sensação de espaço seja tão fortemente viven-

ciada interiormente que evoque um profundo anseio de guardá-la e de viver dela.

Por que isso é impossível? O homem é um mago do espaço. Ele pode preencher o espaço que o circunda com tudo o que quiser. O ponto crucial porém é: como ele pensa? Do que ele vive? Para onde se dirige sua atenção? Porque, do modo como pensa, assim ele é. Nisso ele respira. Pensamentos são formas de natureza astral e etérica. Eles pairam como nuvens em torno do homem que os faz nascer, os alimenta, os conserva e os respira novamente, num ciclo perpétuo do qual não escapa. Ele desencadeia suas próprias tempestades!

Vamos agora seguir, por um momento, um ator ou um dançarino que se prepara para o papel que deve interpretar em sua apresentação. Espera-se dele que preencha totalmente o espaço com sua presença. E isso ele só pode fazer se estiver com sua atenção concentrada e dirigida para aquilo que deve representar. Como ele sabe fazer isso muito bem, a reação do público é imediata. E mesmo se o ator ou dançarino estiver completamente sozinho no palco, o espaço estará todo preenchido. Então, um certo fascínio irradia e se apodera do palco e do público.

Como isso é possível? Bem, uma pessoa dessas mergulha, imerge durante meses no papel que deve representar. Esse papel causa uma impressão muito concreta no campo de respiração do intérprete. Já não há aí lugar para outra coisa. Então, o campo de respiração fica impregnado de toda essa atenção e orientação e é isso também que ele irradia. Então, os espectadores, fascinados, recebem o que ouvem e o que vêem. E eles tomam a beberagem que encomendaram. Eles acreditam nela. O encanto só se quebra quando a cortina desce e a força da imaginação já não é alimentada.

VIVER EM UM NÍVEL TOTALMENTE NOVO

Essa imagem deixa ver algo das leis que agem no campo de vida da humanidade em vários níveis. E podemos ver o que acontece quando o campo de vida é influenciado por forças superiores às da natureza, porque estas também são regidas pelas mesmas leis. Assim, fica claro que os homens influenciam-se uns aos outros pelo campo de respiração. Dessa forma existe, naturalmente, também uma grande possibilidade para aqueles que querem melhorar o mundo. Quando alguém tem essa intenção, surge um desejo de dentro para fora e, a partir daí, ele ou ela estabelece algo de positivo: «de agora em diante eu vou querer à minha volta um luminoso espaço pleno de amor. Não vou mais deixar nenhum pensamento negativo ou crítico entrar no meu campo de respiração, porque eu sei que sou o que penso, e que terei uma influência especial animadora e esclarecedora sobre meus semelhantes, especialmente no meu ambiente mais próximo.»

Quanto mais os homens se esforçam e são bem sucedidos, tanto mais seu campo de respiração se torna claro e mais tranqüilamente agem e amam, e isso dá origem a mais espaço para viver em um nível totalmente novo. Porque apesar da enorme poluição da esfera de vida da humanidade, também existe uma atmosfera pura e limpa que atrai a atenção. A energia pura tem, no entanto, que desinfetar o ambiente e isso é necessário para poder auxiliar a humanidade. É preciso ter um campo de respiração limpo, no qual a pura energia possa se manifestar.

Quanto maior for o número de homens que decidir purificar seu próprio campo de respiração e protegê-lo con-

tra forças maculadas de outros, tanto mais energia pura eles próprios poderão manifestar. Então, surgem também a compreensão e a percepção da relação de tudo isso com as leis que regem a vida. Isso não é nem imaginação, nem sonho. Esta é uma realidade que se baseia nas leis da existência terrena. Quanto mais homens purifiquem seus campos de respiração, mais forças puras eles atrairão e assimilarão. Com isso, o círculo é quebrado e se estabelece um desenvolvimento superior em espiral, que liberta os homens de seu confinamento terreno. Eles devem realizar a força do ser, devem fazer algo. Como uma rocha, eles se erguem na vida e perseveram em seu esforço para a libertação interior, porque somente assim podem alcançar algo para si mesmos e especialmente para os outros. Essa atitude de vida dá aos outros espaço para que se aprofundem no mistério da vida. Eles contribuem também para o bem estar das pessoas em geral, pois criam um espaço transparente onde outros podem respirar mais livremente. Então, cada homem poderá também ter mais espaço e ousar doar, e poderá desenvolver boas qualidades em favor de seus semelhantes.

O que foi descrito aqui está relacionado com o espaço onde os próprios homens se encontram neste momento. Esse espaço é limitado pelo tempo. É um campo de vida definido, que a humanidade deve conquistar pela experiência. Ela deve saciar sua necessidade de aprender, desenvolver a compreensão pela observação da vida... e aprender a descobrir o objetivo da vida. Este é o começo. Identificar a tarefa da vida coloca o homem diante da purificação de seu campo de respiração, que é o espaço dentro e ao redor dele.

«Não há espaço vazio», escreveram os rosacruzistas do século XVII em sua



Confessio. Existe uma corrente de Vida que se manifestará e, revestida de uma nova forma, se reintegrará à Fonte de onde emana toda a Vida. Se tudo correu bem, a essência de vida retorna à Fonte de tudo, enriquecida com as experiências que surgiram durante sua jornada. Então, ela aprendeu a conhecer os elementos: terra, ar, água e fogo. E ela aprendeu a pensar, querer e a agir em harmonia com a tarefa desses elementos. Ela aprendeu a purificar o espaço que lhe foi oferecido e a preenchê-lo com a força da Luz que desde o começo e até o fim da jornada de vida a acompanharam.

O barco celeste navega ao encontro da luz. Ilustração Pentagrama

O CONFLITO DOS DESEJOS

A partir do momento em que a humanidade iniciou o caminho da experiência na dualidade da natureza, e por um período incalculável, o homem serviu-se do domínio natural para suprir suas necessidades, o que o ajudou também a adquirir e formar sua própria consciência (a consciência de si mesmo). Mas ele também fez mau uso disso para ampliar o seu campo de vida e aumentar o seu poder.

As forças que o ajudaram a desenvolver a consciência de si mesmo eram, em grande parte, polarizadas por Mercúrio, Vênus e Marte; esses planetas serviram de símbolo para o pensar, o sentir e o agir, e para mostrar, assim, aos filhos extraviados, que qualidades eles deveriam desenvolver para poder descobrir e alcançar o ponto de retorno.

Sua consciência juvenil estava dirigida para os impulsos vindos do exterior. As imagens que eles captavam deviam servir a um desenvolvimento harmonioso das três atividades citadas acima. Logo que alguém demonstrasse uma certa autonomia podia, então, adquirir a liberdade de escolha. E foi aí que começaram as dificuldades, pois cada escolha atraía uma reação boa ou má e, como seus resultados não tinham valor eterno, eles formavam como que nuvens que se avolumavam para finalmente desabar em tempestade.

A preparação interior para o grandioso objetivo foi freada, contrariada, e a consciência, com isso, foi, de período em período, cada vez mais perturbada.

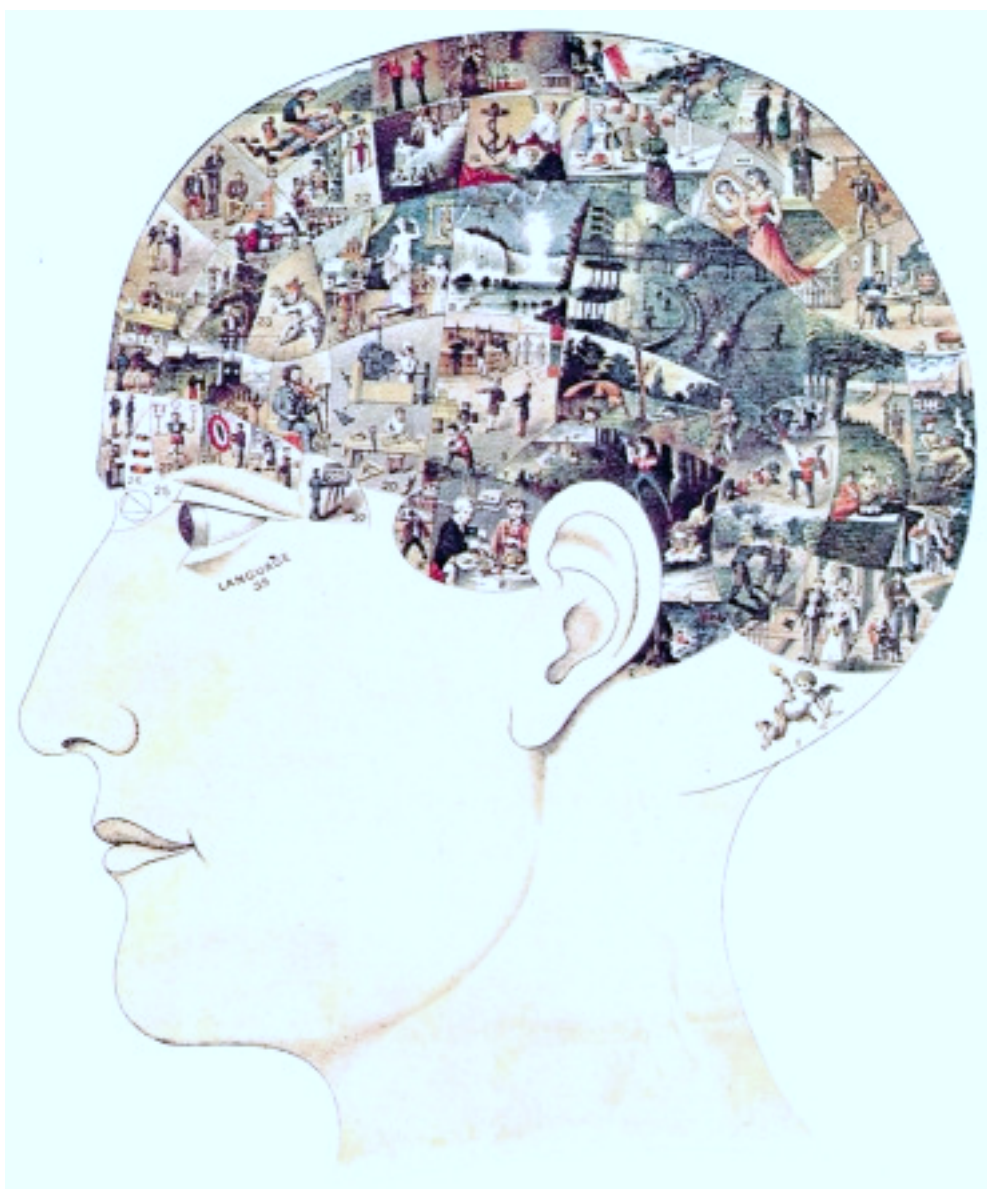
O homem voltou-se totalmente para o que lhe era exterior – sendo até mesmo auxiliado pelos seus líderes – e fez dessas imagens exteriores deuses que seriam encarregados de controlar sua vida. Ele tentou tornar esta vida mais suportável e, para isso, teve de renunciar a si mesmo cada vez mais e endurecer o seu eu na luta pela sobrevivência.

Sua consciência dirigiu-se sempre mais para as aparências, o lado exterior das coisas, e ele se tornou cada vez menos capaz de sentir e compreender o que era interior.

Do ponto de vista espiritual, o homem se tornou superficial. Sua capacidade de pensar não ultrapassava o nível da associação; seus sentimentos endureceram e estavam mais de acordo com a proteção de seu próprio grupo enquanto que suas ações visavam sobretudo proteger aquilo que ele havia roubado.

Foi assim que nasceu o pensamento analítico, caricatura da sabedoria original; os sentimentos foram rebaixados a instintos animais e o que era originalmente uma defesa transformou-se em cobiça sempre crescente, em impulso de roubar e em força de conquista. A atividade mental tomou, então, proporções incríveis, a consciência escureceu sempre mais e encontrou-se prisioneira, cercada pelos limites da personalidade. Essa separação brutal da vida original foi uma fonte de egoísmo, de orgulho, de avidez e de crueldade.

O homem utilizou seus poderes mentais cada vez mais dirigidos para o exterior com o único fim de poder dominar as formas e as energias.



ELE PERCEBE ALGO DA FORÇA
QUE PROCURA LIBERTÁ-LO DE SUA
COURAÇA

Assim que a consciência egocêntrica
confronte a si mesma e compreenda
que deve haver outra fonte de vida
além da biológica, ela recebe a oportu-
nidade de contemplar como sua vida
está organizada. Uma pessoa enche o
peito de contentamento ao perceber

que alcançou realmente algo; outra
descobre a altura dos muros da própria
prisão, que ela mesma construiu, sem
ter coragem de demoli-los. Uma tercei-
ra compreende que estabeleceu toda
uma construção no curso de numero-
sas encarnações de seu microcosmo –
para se fechar sistematicamente à Luz
que a chama e quer libertá-la.

Ela percebe algo da poderosa Força
que bate à sua porta, que a impulsiona
através de todo seu ser e que quer li-

O mapa do crânio
divido em 40 áreas.
Marie Evans Picture
Library

*O pintainho sabe exatamente quando
deve quebrar o enclausuramento
egoísta de seu ovo; ele sabe que a
espessa casca que o envolveu por tanto
tempo não faz parte de sua vida.*

Rabindranath Tagore

bertá-la de sua couraça. Agora surgem as perguntas: O que construí de verdadeiramente novo na vida? Será que não há nada além disso?

ASPIRAÇÕES TÃO RICAS, TÃO
INFINITAMENTE DIVERSIFICADAS

Em todo o desenvolvimento do homem como personalidade – que dura milhares de anos – ele se encontra diante de inumeráveis situações em que deve fazer uma escolha, para o melhor ou para o pior, enquanto que suas capacidades em crescimento são testadas em relação àquilo a que são destinadas. Ele descobre, por exemplo, que o amor egoísta engendra o ódio, que os pensamentos egocêntricos sufocam os sentimentos e que a luta por automanutenção atrai o sofrimento para si mesmo e para o próximo.

Atualmente muitos chegaram ao fim de sua evolução na natureza dialética. E a próxima questão se apresenta a eles, com razão:

Atingiram e sentiram a liberdade? Chegaram eles ao ponto de abrir-se a uma nova consciência? Ou andam ainda em círculos, enquanto os muros de suas prisões, que eles mesmos construíram, tornam-se mais e mais espessos?

Podemos apenas constatar que, no cenário internacional, tanto os pequenos como os grandes conflitos de-

monstram que muitos ainda não alcançaram o limite. Eles ainda lutam por dominar, enganar. Eles assassinam mutuamente corpos e almas porque lhes foi ordenado. A poesia, a filosofia, as ciências, as religiões testemunham amplamente desses incessantes conflitos.

Na obra de Mikhaïl Naimy, *O livro de Mirdad*, está escrito (página 252): *Quando a Sagrada Vontade Total partiu Adão em dois, para que ele se conhecesse e compreendesse sua unicidade com o Uno, então ele tornou-se um macho e uma fêmea – um Adão masculino e um Adão feminino. Foi, então, inundado de desejos, que são os filhos da Dualidade – desejos tão numerosos, tão infinitos em aspectos, tão imensos em magnitude, tão torpes e tão prolíficos, que até hoje o Homem é um naufrago sob suas ondas. Mal uma onda o tem levado a vertiginosas alturas, e já outra o arrasta para o fundo. Isto porque seus desejos são aos pares, como ele também é um par. E embora dois opostos realmente se complementem um ao outro, para o ignorante eles parecem agarrar-se, esmurrar-se e jamais querer dar-se um só momento de trégua.*

Nesta percepção distorcida o homem utiliza a força-amor para tentar febrilmente restabelecer a unidade perdida, por exemplo, encontrando um parceiro sob a forma de um homem ou de uma mulher, uma atividade, um ideal, um reconhecimento. Seu pensar e seu sentir que deveriam poder dirigir sua vontade, tornaram-se os escravos dela.

Podemos ler no livro de Mirdad (página 254): *Vós sois o dilúvio, a arca e o comandante. Vossas paixões são o dilúvio. Vosso corpo é a arca. Vossa fé, o comandante. Vossa vontade tudo penetra, e, acima de tudo isto, está vossa compreensão.*

Eis como foi concebido o caminho:

a aspiração vinda do coração deve dar a justa direção e conduzir livremente a uma mudança do pensar e do agir para que sejam totalmente dirigidos para um objetivo elevado. Não mais a minha vontade, mas que a Tua vontade seja feita. Em vez disso, por meio de sua vontade novamente despertada, o homem furtou novos espaços e fez tudo que desejava, até a decadência.

A INFLUÊNCIA DOS PLANETAS DOS MISTÉRIOS

Não tendo nem reconhecido nem compreendido a ajuda cósmica de Mercúrio, Vênus e Marte, o homem afundou sempre mais na matéria enquanto que o eterno átomo original em seu coração tornou-se cada vez mais inacessível. Sua ligação com o Logos tornou-se cada vez mais inconsciente, sem no entanto ser rompida. Durante todos os períodos da evolução, o Logos atingiu o núcleo à deriva no homem para despertá-lo e colocá-lo diante de uma mudança fundamental. No entanto, a vontade é livre para ignorar essa mão estendida e recusá-la. Ou aceitá-la e retornar. Para isso, entretanto, é preciso que o pensar, o sentir e o querer sejam readaptados à sua tarefa inicial.

Até hoje, o homem percorreu o caminho contrário. Ele não pode, ou pode somente esporadicamente, restabelecer, como capitão de sua nave microcósmica, o equilíbrio entre a cabeça, o coração e os atos. Ou, em outras palavras, ele é regido pela anarquia entre três poderes descoordenados: sua razão, sua livre-vontade e seus sentimentos profundos. Isso o levou a ser dominado por seu intelecto e a uma maior separação do Logos. Mas também há um inacreditável obumbramento por seus desejos e, final-

mente, um eu reforçado e endurecido que se apoderou totalmente da condução da personalidade.

Não é por acaso que nessa situação de obumbramento descobre-se novamente a atividade dos planetas dos Mistérios, Urano, Netuno e Plutão.

Poderíamos dizer que esses planetas funcionam como uma lupa para as forças que querem retirar a humanidade do impasse em que ela se encontra. Eles ajudam o homem que está pronto para isso a restabelecer as funções de seu pensar, seu desejar e sua vontade e colocá-los em um nível mais elevado. Se houver alguma oposição, o homem se encontrará em dificuldade, mas ele não será capaz de se fechar a essa evolução cósmica. O antigo Mercúrio inferior ajudou a formar seu intelecto. Para muitos dentre eles, isso trouxe também um desenvolvimento ambicioso e orgulhoso que criou um mundo sem espírito e sem alma. Essa «criação» é rompida pelo novo Netu-

Máquina para sondar a atividade do cérebro. Início de 1900



no Superior. Podemos ler no Dei Glória Intacta: *O Novo Mercúrio está sintonizado com um mundo que não é deste mundo, num plano que não pode ser incluído na maneira como funciona a dialética.*

A intuição de Netuno não sutilha a razão mas a expande e impele o homem que possui, então, um novo poder de pensar, a um crescimento no coração. Urano, o outro planeta dos Mistérios, testa a personalidade e a força de Vênus presente no coração. Ele aí planta a aspiração ao Amor que tudo abarca. «Um amor pelos homens, tão grandioso e perfeito, que não pode ser compreendido pelo homem da natureza inferior e ao qual ele não pode responder.» Urano dissolve os limites que a percepção da energia de Vênus fez nascer. Surge também uma sensação de estar sobre uma base de compreensão superior: a renovação do santuário do coração. E Plutão, o terceiro da aliança, é aquele que persevera, dinamiza, precede e demole. Podemos vê-lo como a oitava superior de Marte que abre o caminho para o sol do Logos. Ele muda a energia de Marte e a força da vontade dirigida para a Terra em uma força da vontade mágica e cósmica, segundo o princípio de escorpião: morte e devir.

O PINTAINHO SABE EXATAMENTE QUANDO DEVE QUEBRAR O OVO

Então, em seguida, vem a renovação do centro da vontade. Uma nova vontade dinâmica dirige agora os dons de Mercúrio e Vênus. Até aqui, o homem foi o brinquedo de seus desejos, de suas recusas e dos instintos de seu sangue. Ele está, agora, novamente livre e inteiramente sintonizado com o plano divino para o mundo e a humanidade. A nova vontade não exerce nenhuma

pressão sobre suas capacidades, mas as harmoniza com a sabedoria divina.

Essa renovação fundamental do pensar, sentir e querer leva o homem a uma renovada maneira de agir, porque sem ato justo, a vida permanece uma areia movediça. Então, o antigo homem dialético é totalmente demolido e o novo homem celeste pode agora aparecer: o verdadeiro Homem-Cristo pode nascer do homem-João. Ele reconhece indubitavelmente que deve satisfazer suas necessidades naturais para o funcionamento de seu corpo físico, mas isso se torna secundário. E essas necessidades diminuem, sem nada forçar. As exigências do eu com suas repulsas, seus ódios, seus desejos, desaparecem.

Rabindranath Tagore disse: *O pintainho sabe exatamente quando deve quebrar o enclausuramento egoísta de seu ovo; ele sabe que a espessa casca que o envolveu por tanto tempo não faz parte de sua vida.*

FONTES:

M. Naimy, *O Livro de Mirdad*, Lectorium Rosicrucianum, São Paulo, 1999
J.V. Rijkenborgh, *Dei Gloria Intacta*, Lectorium Rosicrucianum, São Paulo, 1967

HOMEM, CONHECE-TE A TI MESMO!

Um dos pontos de partida de todas as Escolas de Mistérios é o autoconhecimento. Acima da entrada do Templo dos Mistérios de Apolo, em Delfos, estavam as conhecidas palavras: «Homem, conhece-te a ti mesmo». Do outro lado, no interior do portal, estava escrito: «e conhecerás o mundo e os deuses». Alguns tradutores pensam que essas palavras significam: «e reconhecerás que tu mesmo és um deus».

Essas palavras – assim como muitos outros preceitos para trilhar a senda da iniciação nos mistérios divinos – se tornaram, no decorrer dos séculos, cada vez mais, apenas lugar comum, aplicadas onde fosse possível aplicá-las. Assim, elas chegaram a ser, no decorrer dos últimos 30 anos, muito utilizadas pelo esoterismo e foram muito aproveitadas na argumentação da Psicologia aplicada. Cursos, seminários e a maioria das diversas terapias fazem uso das instruções dos antigos mistérios. Isso também acontece com as profundas palavras que estão escritas na entrada do Templo dos Mistérios de Apolo.

Naturalmente é necessário conhecer-nos a nós mesmos, conhecer a estrutura de nossa própria personalidade para descobrir quais padrões de comportamento são inatos e quais são adquiridos, e desmascarar estes últimos para finalmente compreender que aquilo que é essencial em nosso próprio ser ainda permanece velado. Um grande número de doenças é o resultado de tensões entre nossa pró-

pria natureza e os padrões impostos do exterior. O número de terapias que são oferecidas para reduzir essas tensões é surpreendentemente grande. Métodos científicos e científico-populares dão mil e uma instruções para encontrar a si próprio e para neutralizar o resto. Isso pode ser muito vantajoso na vida diária e podemos vivê-lo como um sorvo de liberdade. Mas, embora as instruções sejam, na sua maior parte, tomadas da sabedoria dos antigos mistérios, elas não têm, por si próprias, os resultados por eles tencionados.

O autoconhecimento cujo método é atualmente divulgado não é exatamente aquele que o candidato desejaria, como por exemplo, o dos Mistérios Gregos. A diferença se encontra entre os objetivos totalmente opostos da Psicologia e os objetivos das Escolas de Mistérios. A Psicologia ensina ao homem como ele pode melhor se manter no mundo, como pode ter

A obtenção de uma ampla visão do objetivo da existência humana pode ser mais ou menos comparada com as observações feitas pelo telescópio espacial Hubble. Com os grandes telescópios podia-se estudar profundamente o espaço, porém o alcance da visão ainda não era suficientemente longo. O Hubble, lançado em 1990, ampliou a visão em muitos anos-luz, alcançou novos milhares de sóis e descobriu outros sistemas estelares.

mais sucesso, conseguir um melhor emprego, sentir-se mais feliz, viver em paz com seus semelhantes, etc... Sua finalidade é claramente terrena. O caminho de um candidato aos mistérios oferece a ele a possibilidade de abandonar os contrastes e as misérias do mundo. O primeiro caminho é uma senda para uma exploração horizontal e uma expansão; o segundo caminho leva para cima, irrompe diretamente através das limitações da vida horizontal.

O autoconhecimento é necessário para abandonar as limitações do mundo. Portanto, não é um conhecimento intelectual restrito ao cérebro do indivíduo. Trata-se aqui do conhecimento interior, da sabedoria que procede da percepção em relação ao próprio homem, à natureza humana e ao desenvolvimento da vida no universo. O ponto de vista do observador deve, diante disso, situar-se fora de sua pessoa, fora de seu mundo. Somente de fora para dentro, de cima para baixo, pode-se testemunhar do objetivo comum da natureza humana e de como a situação é individual para cada membro da humanidade. Quem pode alcançar esse «ponto de vista» pode obter uma imagem mais clara, livre do obscurecimento da consciência. Somente um ponto de vista semelhante faz surgir no observador uma imagem livre das distorções e máculas da personalidade terrena.

Aqui surge uma questão aparentemente insolúvel: por que e como pode alguém encontrar um ponto numa realidade que está fora de si mesmo para

libertar-se de seu próprio mundo? Afinal, é dito que o mundo deve ser primeiro vencido por nós mesmos antes de podermos discernir e aprender a conhecê-lo. Não existe aí alguma contradição? O intelecto comum biológico e o pensamento comum são tão contraditórios que não podem libertar. Existe, porém, também um outro pensar que funciona e é alimentado de maneira diferente. Isso torna o candidato cada vez mais capaz de romper suas ligações com a natureza e de se abrir para os Mistérios.

A partir de um coração anelante e aberto busca-se uma resposta, e novos impulsos que emanam do núcleo espiritual aí oculto se tornam ativos. Esse núcleo, também chamado de rosa do coração, é o ponto de contato com a vida original, e está no mais profundo do ser, muito além da personalidade. Ele está ligado com o campo de vida de onde se originaram os homens como seres-alma.

Esses novos impulsos estimulam o homem a buscar; e quando ele realmente começa a fazer isso, descobre que as duas naturezas estão ativas nele: a divina e a humana. E elas se mantêm ligadas durante toda a vida. Essa é a primeira percepção interior inevitável!

Quem não descobre esse contraste também não sentirá o impulso para construir uma ponte e juntar o que se encontra separado. Porém, quem reconhece ambos os aspectos em seu ser se esforçará mais e mais para neutralizar seu aspecto biológico tipicamente humano, de modo que sua divindade original possa ressurgir livremente. A

partir de sua experiência, ele poderá se reorientar e, assim, distinguir claramente duas naturezas. Essa é a segunda percepção interior inevitável.

É em relação ao núcleo espiritual que Paulo diz: *Não sabeis que sois deuses?* Essa é a terceira percepção interior inevitável. A tarefa do homem é libertar o Deus que nele habita e que não pertence ao mundo dos homens, mas que se entrega para libertar os cativos. Através da iniciação nos Mistérios ele alcançou a libertação.

Dessa forma, podemos agora refletir sobre um método prático para despertar o núcleo divino e fazê-lo crescer. Muitos tentaram isto, mas dedicaram-se intensamente ao aperfeiçoamento, à cultura e à elevação do eu, tornando-se impotentes e desperdiçando seu tempo. Durante esse tempo, seu ser ficou fechado para a humanidade. Por isso, ele deve agora aprender a ofertar o seu eu, a entregar-se ao núcleo espiritual em seu coração. Desse modo, a própria alma deve se desenvolver mediante o toque do Espírito de Deus, que a alimenta e guarda.

Se a exigência dessa oferta não for compreendida nem aceita, então o homem reforçará o seu eu e se esforçará para o desenvolvimento de um «super-homem» com supertalentos e com uma superconsciência. Esse super-homem se eleva de fato acima da massa – e se torna, portanto, também um ideal para muitos – mas ele permanece o que é: um homem mortal. O Deus nele não terá a possibilidade de se desenvolver. Porém ele continua existindo. Ele somente precisa de espaço para poder manifestar-se! Então os homens



devem aprender a ceder esse espaço para a força divina que habita neles. Essa é a quarta percepção interior.

Se ele fizer isso incondicionalmente e estiver disposto a viver de sua percepção, então as palavras do Evangelho de João serão cumpridas: (João 1:12-13) *Mas a todos quantos o receberam deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus: aos que crêem no seu nome, os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do varão, mas de Deus.*

O templo do oráculo de Apolo, em Delfos, foi antes consagrado à deusa Atenas Pronaia, a profetisa.

NÃO PODE SER O QUE NÃO PODE SER

Por volta do ano de 1920, os astrônomos de todo o mundo estavam convencidos de que só existia uma Via Láctea, uma só galáxia. A palavra grega «galaxias» significa Via Láctea ou sistema estelar. Astrônomos que suspeitavam da existência de outras galáxias eram considerados hereges nos círculos da ciência natural e eram duramente atacados e ridicularizados nas revistas especializadas da época. Até mesmo astrônomos que, com seus telescópios, viam que pontinhos luminosos, chamados nebulosas, não pertenciam à nossa Via Láctea e sim a galáxias muito distantes, eram tidos como equivocados segundo a antiqüíssima fórmula que diz que «não pode ser o que não pode ser».

Em 2 de junho do ano de 1592, Giordano Bruno, durante o interrogatório feito pela Inquisição, em Veneza, pronunciou palavras que soam como uma profissão de fé, como uma síntese de suas opiniões sobre o universo e o homem. Ele disse:

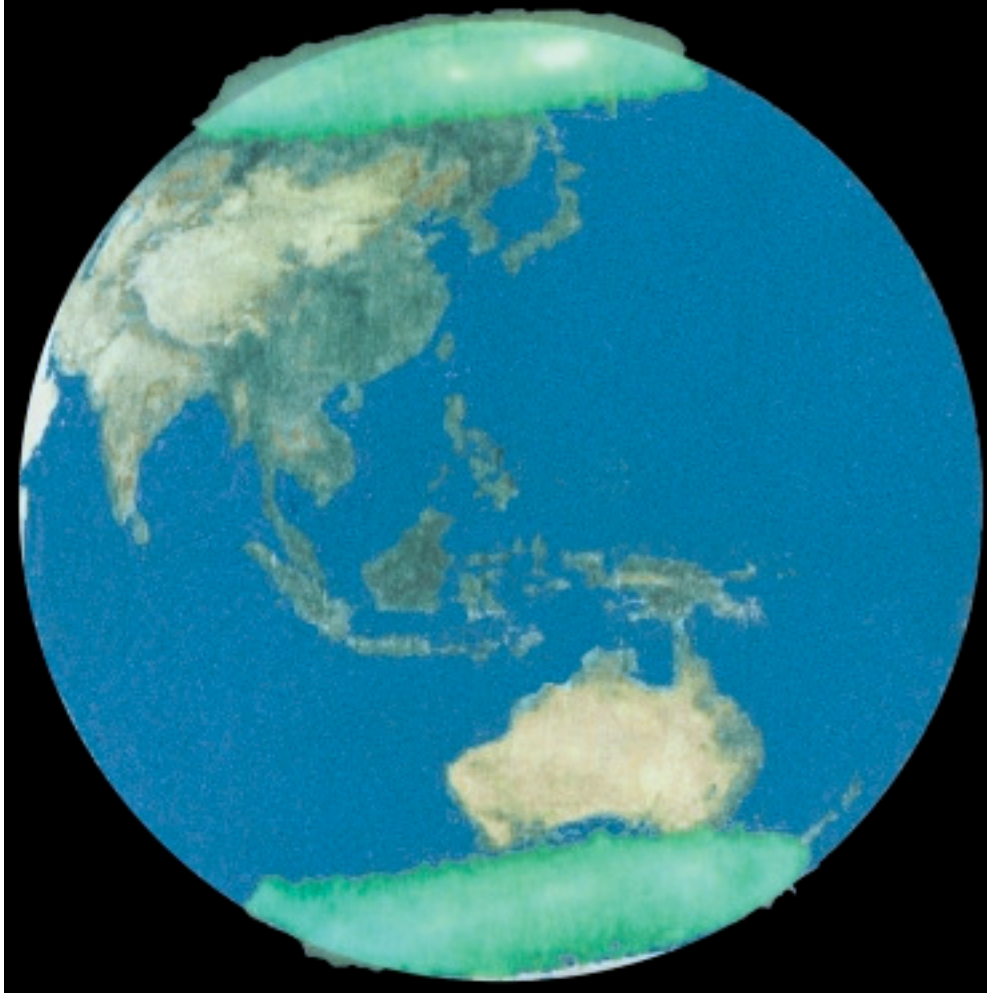
Eu creio num universo infinito criado pela infinita onipotência porque entendo como indigno que a bondade e o poder divinos só tenham criado um mundo finito e limitado quando poderiam ter criado mundos incontáveis. Por essa razão, sempre afirmei que existem incontáveis outros mundos semelhantes a esta Terra que, como Pitágoras, considero apenas um astro, assim como os outros inúmeros planetas e estrelas. Todos esses mundos incontáveis constituem um todo infinito no espaço infinito e este é o uni-

verso infinito, de modo que é admissível uma dupla imensidade em grandeza do universo e em número de corpos celestes. E desse todo infinito tenho uma concepção universal porque cada ser que nele vive, organiza-se, move-se e ali está em sua perfeição, e considero-o em duplo sentido: por um lado, ele é onipresente, está em todo lugar e em qualquer parte, assim

No sábado, 4 de maio de 2002, no centro de conferências Renova, em Bilthoven, Holanda, ocorreu um simpósio dedicado a Giordano Bruno. Uma das alocações desse simpósio é apresentada em duas partes neste número da *Pentagrama*: «*Não pode ser o que não pode ser*» e «*Perdido no labirinto do tempo*».



Giordano Bruno
(1548-1600)



A Terra com a aurora boreal (no Norte) e a aurora austral (no Sul)

*como a alma no corpo, e chamo-o de natureza. Porém, ele é apenas um vestígio e uma sombra da divindade. Por outro lado, ele é ligado a Deus de um modo indizível através de sua essência, sua presença e poder, em tudo e acima de tudo, não como uma parte, não como uma alma, mas de uma forma inexplicável.**

EXPRESSÃO DA INEFÁVEL ONIPRESENÇA DIVINA

Estas são as palavras de Bruno. Em síntese, elas significam que existe um universo de dimensões ilimitadas. Nêle encontram-se incontáveis corpos celestes. Estes corpos celestes são a expressão das inefáveis onipresença e onipotência divinas que deixam suas impressões na natureza e na essência do homem para que ele se aperfeiçoe.

Negar a verdade é freqüentemente

o caminho mais fácil para não ter de enfrentá-la, enquanto que a aceitação, na maioria das vezes, significa sobrepujar a inverdade. Uma parte da história da vida humana é escrita sobre o arco de tensão entre negação e aceitação. O destino de Giordano Bruno consumou-se sobre esse arco. Há mais de quatro séculos ele afirmou que o número de estrelas ou corpos celestes é infinito. Os dirigentes de sua época não podiam e não queriam aceitar esse ponto de vista.

No ano de 1925, a centenária visão dogmática da ciência transformou-se. O astrônomo Edwin Hubble, no Monte Wilson, com seu telescópio – então o maior do mundo – pôde comprovar que nebulosas realmente são sistemas estelares bem distantes. Já no ano de 1755, o filósofo alemão Immanuel Kant enunciou a suposição de que no mínimo um desses pontinhos luminosos difusos não pertencia à Via Láctea, e sim a um sistema estelar dis-

As inefáveis onipresença e onipotência divinas deixam suas impressões na natureza e no homem para que ele se aperfeiçoe.

tante. Agora essa galáxia é denominada Nebulosa de Andrômeda. Podemos admitir que Kant tenha utilizado uma luneta ou um telescópio. Mas Giordano Bruno não dispunha de tais recursos técnicos. A olho nu ele podia visualizar no máximo de cinco até seis mil estrelas. Este é o número de astros que se pode ver sem telescópio numa noite clara. Até onde se sabe, o primeiro telescópio foi usado na Europa em 1609 por Galileu Galilei. Como Bruno chegou a convencer-se de que num espaço ilimitado há incontáveis corpos celestes? Talvez possamos encontrar a resposta na já citada síntese de seu conhecimento sobre o universo e o homem: «Eles são a expressão das inefáveis onipresença e onipotência divinas que deixam suas impressões na natureza e no homem para que ele se aperfeiçoe.»

O ESPAÇO UNIVERSAL É UM MAR ILIMITADO DE ÉTERES

Admitamos que nós, na respiração comum, tranqüila, ou seja, entre uma inspiração e uma expiração, levemos cerca de seis segundos. Seriam, então, dez respirações por minuto. No período de tempo em que inspiramos e expiramos uma vez, a Terra percorreu aproximadamente 220 km na sua trajetória ao redor do Sol. Nosso planeta move-se numa velocidade de mais de 30 km por segundo. Isto já é quase inimaginável. O Sol, em torno do qual a Terra gira, também não está parado. Ele leva consigo a Terra e todos os outros planetas no seu caminho ao longo

da Via Láctea, numa velocidade de 230 km por segundo. O movimento da Terra é ainda mais complexo: primeiro, ela gira em torno do Sol; segundo, ela viaja com o Sol ao longo da Via Láctea. Isto já é um movimento duplo, em espiral; terceiro, nossa Via Láctea move-se a 90 km por segundo em direção da galáxia vizinha, a Nebulosa de Andrômeda.

A distância entre nossa Via Láctea e a Nebulosa de Andrômeda é estimada em 2,5 milhões de anos-luz. Essa distância altera-se constantemente porque tudo está em movimento. Se considerarmos que a luz percorre 300.000 km em um segundo, a distância em km até a galáxia mais próxima da Via Láctea é o número 22 seguido de 18 zeros. Em palavras, seriam vinte e dois quintilhões de km. Assim, nossa Via Láctea fende o espaço, rodopia e corre desabaladamente em direção à sua vizinha, numa velocidade de 90 km por segundo.

Bruno com freqüência designa o movimento dos corpos celestes com a palavra «nadar» porque, para ele, o espaço universal é um mar ilimitado de éteres, a alma do mundo é um oceano infinito de energia e inteligência. A velocidade da Terra, a do sistema solar e a da Via Láctea, provavelmente já deixam nossa faculdade de imaginação em apuros. Mas ainda não estamos no fim e, se algum dia chegarmos ao fim, ainda é uma pergunta. Afinal, nossa Via Láctea e a Nebulosa de Andrômeda pertencem a um número de galáxias designado como Grupo Local. Isto é um conjunto de algumas dúzias de galáxias ou sistemas estelares. E todo esse grupo ao qual pertence também nossa Via Láctea move-se a cerca de 600 km por segundo em direção ao grupo de Virgo, que é um outro grupo de galáxias que, por sua vez, também se move em direção a um grupo muito maior de sistemas estelares que recebe dos astrônomos o nome de *Great Atractor* (O Grande Atrator).

Existem, portanto, incontáveis corpos celestes, estrelas, sistemas estelares e grupos de sistemas estelares, assim como movimentos inimagináveis com velocidades indescritíveis num espaço incompreensível. No entanto, isto ainda não é o infinito. E quando dizemos «ainda não», isso dá a impressão de que jamais poderemos compreender o infinito se voltarmos nosso olhar para cima ou para fora. Com o moderno telescópio Hubble que, provavelmente, é o maior que existe, os astrônomos enxergam a uma distância de 15 bilhões de anos-luz. Um segundo-luz são 300.000 km. E 15 bilhões de anos-luz não são uma bagatela, mas, em relação ao infinito, são menos do que uma bagatela.

Giordano Bruno afirmou que o infinito não se permite repartir nem em regiões, nem em distâncias, nem em períodos de tempo. Não existe algo como a metade do infinito – pois cada metade concebível seria finita. Em todo caso, seria inútil separar um milímetro do infinito, pois mesmo esse milímetro de infinito «encurtado» seria, então, infinito – porque só existe um infinito e não um segundo, terceiro, quarto ou seja quantos for. A multiplicidade só se manifesta para a nossa consciência que opera através da limitação em três dimensões. Mas o próprio infinito não é um fenômeno. Ele é a origem absoluta de toda a existência, ele é o Absoluto. Tudo o que se manifesta no infinito movimenta-se. O próprio infinito é imóvel, pois fora do infinito não existe espaço no qual ele possa mover-se. Se fora do infinito existisse espaço, o infinito não seria infinito. Quando, à noite, erguemos nosso olhar para o céu estrelado, vemos, na verdade, um gigantesco jogo de movimentos, transformações, revoluções, deslizamentos e velocidades num espaço imenso do qual não

conseguimos fazer idéia. Vemos uma dança cósmica, intercósmica, num cenário sem fundo.

O INFINITO CONTEMPLA-SE NO HOMEM

A galáxia mais próxima da Via Láctea está, portanto, a aproximadamente 2,5 milhões de anos-luz de nós. Os astrônomos avaliam o número de galáxias como a Via Láctea em 400 bilhões, até agora. Assim, emudecemos diante da grandiosidade do mistério que aí está oculto. E que está oculto também no homem! Daí provém sua busca, seu anseio por conhecimento e sabedoria, por investigação, por compreender e abranger. Semelhante atrai semelhante, procura pelo semelhante. No homem e através dele o infinito conhece-se a si mesmo. O uno expressa-se no múltiplo e diferencia-se numa imensa heterogeneidade. E o homem que participa dessa diversidade, após muitos passos de dança no cenário cósmico, pode tomar parte, conscientemente, do infinito, do ser absoluto. Então, a dança torna-se uma imensa dança da alegria. Bruno dá a isso o nome de consumação.

Quem consegue imaginar a velocidade com a qual a Terra gira em torno do Sol ou a velocidade com que o Sol e as cerca de 400 bilhões de galáxias flutuam no espaço? Quem pode apreender isso? Quem consegue compreender, abranger as distâncias e o espaço entre os sistemas estelares – o infinito?

«TU FAZES COM QUE A FLAMA
ETERNA SE ACENDA EM MEU
PEITO MORTAL»

Mas, por que falam os homens sobre isso? Porque, contudo, o inimaginável ainda é um fato, e este fato

aponta para o mistério inefável que aí está oculto. É o mistério do Todo, o mistério da Vida, o mistério do Homem. «Três mistérios que são um e cuja chave está escondida no homem», diz Giordano Bruno. Em sua obra *De Triplici Minimo et Mensura* (Do Mínimo Tríplice e da Medida) escreve ele:

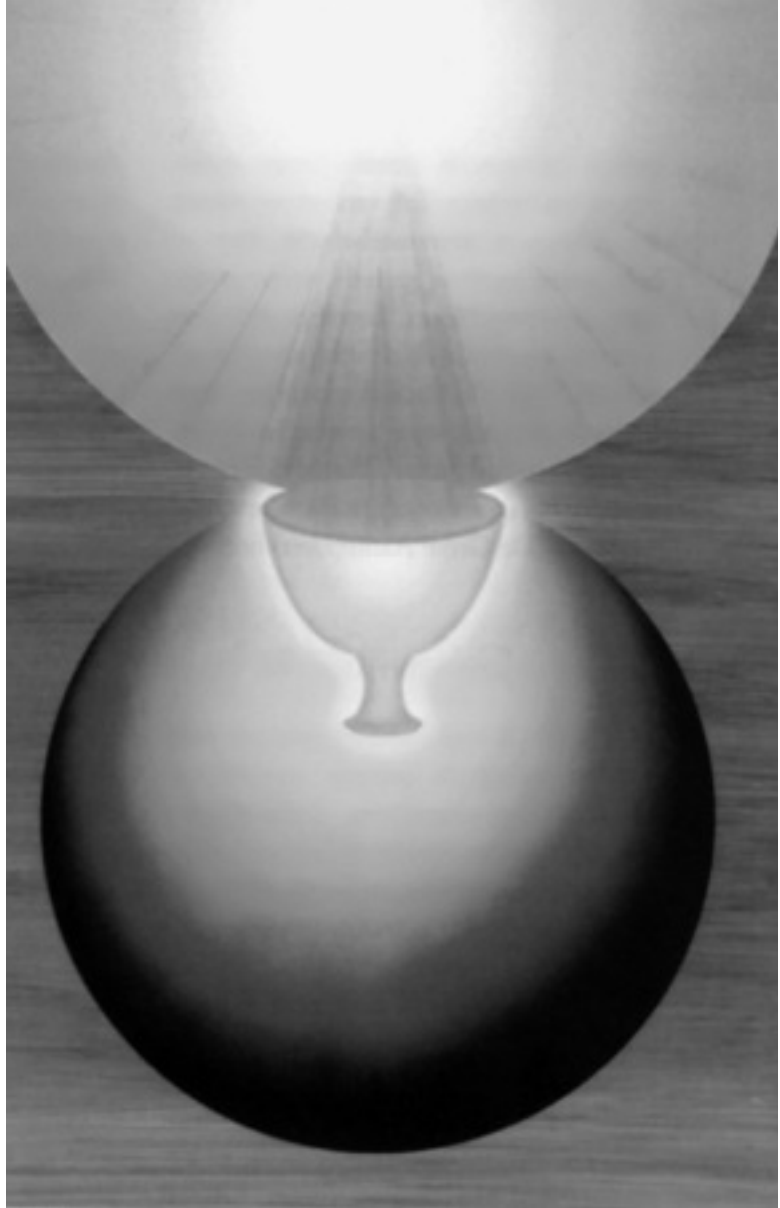
«Ó Deus, infinito Uno, Tu permites que Tua flama eterna se acenda em meu peito mortal, Tu fazes meu coração pairar no brilho de Tua luz e incendiar-se no calor de Teu fogo, para que eu possa passar pelo Teu mundo infinito seguindo o caminho das estrelas, livre de todas as sombras, livre da carga comprometedora da matéria inerte, livre do poder dos órgãos dos sentidos. Luz, Luz que tudo vê, Tu crias luz para que tudo possa ser contemplado.» E seu soneto do manuscrito *Das Causas, do Princípio e do Uno* diz:

De Ti, eterno Uno, causa e fundamento, por toda parte emanam vida, ser e movimento.

Tu Te expandes em altura, extensão e profundidade, para que céu, terra e inferno venham a existir! Com coração e razão e com meu espírito posso cruzar o infinito que cifra nenhuma pode medir, onde em todo lugar é centro e em lugar nenhum é periferia.

Em Teu ser vive e repousa meu ser.

Ainda que cegueira, ilusão e fúria se atem à urgência do tempo, ainda que a ação comum forje um laço com a infâmia, ainda que a maldade deslize no sombrio sulco da inveja, não conseguem cobrir a atmosfera com treva porque, malgrado seu esforço, cintila o meu olho desvelado e a beleza de meu sol propaga seus raios.



A taça vivente do Graal religa as duas ordens de natureza. Ilustração Pentagrama

- *Giordano Bruno oder des Spiegels des Unendlichen* (Giordano Bruno ou o Espelho do Infinito), Eugen Drewermann, Kösel-Verlag, Munique, 1992.

DIÁLOGO UNIVERSAL ENTRE HERMES E ASCLÉPIO

(Do Sexto Livro)

Hermes: Asclépio, tudo o que é movido não é movido em algo e por algo?

Asclépio: Certamente!

Hermes: E não é necessário que aquilo em que algo é movido seja maior do que aquilo que é movido?

Asclépio: Sem dúvida.

Hermes: Além disso, aquilo que cria o movimento é mais potente do que aquilo que é movido?

Asclépio: É claro.

Hermes: E não será que a natureza daquilo no qual se realiza o movimento seja necessariamente oposta ao que é movido?

Asclépio: É evidente.

Hermes: Pois bem. Então este universo é maior do que qualquer outro corpo?

Asclépio: Certamente.

Hermes: E não está completamente cheio, isto é, com muitos outros grandes corpos ou, mais corretamente, com todos os corpos existentes?

Asclépio: Isso mesmo.

Hermes: Conseqüentemente, o universo é um corpo.

Asclépio: Justo.

Hermes: A saber, um corpo que é movido.

Asclépio: Certamente.

Hermes: Quão grande deve então ser o espaço dentro do qual o universo é movido! E de que natureza? Ele tem de ser muito maior do que o universo para poder admitir o movimento contínuo, sem que o universo seja emperrado e estorvado em seu movimento.

Asclépio: Esse espaço deve ser extraordinariamente grande, Trismegisto.

Hermes: E de que natureza? De natureza oposta, não, Asclépio? Pois bem, o contrário da natureza do corpo é o incorpóreo.

Asclépio: Sem dúvida.

Hermes: Então, o espaço é incorpóreo!

Mas, o incorpóreo é ou de natureza divina ou é Deus mesmo! Com divino não quero dizer o criado, mas o não criado. Se o incorpóreo é de natureza divina, então é da natureza da essência da criação; e se é Deus, é uno com a essência. Aliás, podemos concebê-lo com a mente, como segue:

Para nós Deus é o mais elevado para o qual o pensamento possa dirigir-se. Para nós, mas não para Deus mesmo! Porque o objeto da reflexão, para aquele que pensa, torna-se atingível pela luz da compreensão. Portanto, Deus não é, para si mesmo, objeto de reflexão; porque, sendo semelhante à essência da reflexão, Ele reflete sobre si mesmo. Para nós, porém, Deus é diferente: por isso, Ele é objeto dos nossos pensamentos.

Ora, se o espaço universal é objeto de nosso pensamento, não pensamos nele como espaço, mas como Deus; e se pensamos no espaço como Deus, ele já não é mais espaço no sentido comum da palavra, mas sim a força ativa de Deus, que tudo encerra.

Tudo o que se move não é movido em algo que é movido por si mesmo, mas em algo que é imóvel; e mesmo a força motriz é igualmente imóvel, não podendo partilhar do movimento que ela produz.

(J.V.Rijckenborgh, *Arquignosis Egípcia*, Tomo II, Lectorium Rosicrucianum, São Paulo, 1986)

PERDIDO NO LABIRINTO DO TEMPO

Na seção da Ásia Menor do Museu Pergamon, em Berlim, encontra-se o mais antigo mapa celeste da humanidade, sob o número de catálogo VA1243. Tem quase 5000 anos, portanto provém do terceiro milênio a.C.: uma placa de argila da Acádia, um país que outrora ficava entre duas correntes fluviais, a do Eufrates e a do Tigre, no atual Iraque. Nesse mapa, o sistema solar está reproduzido com exatidão e na escala correta: o Sol no centro, a seu redor, na seqüência correta, o pequeno Mercúrio, depois Vênus e Terra quase do mesmo tamanho, e a Lua. Em seguida, Marte, os dois grandes planetas Júpiter e Saturno e, finalmente, Urano, Netuno e Plutão, o planeta anão. É apresentado também um planeta mais distante, até agora desconhecido apesar de alguns astrônomos suporem sua existência.

duzir que Pitágoras sabia mais sobre a vida no cosmos do que as gerações posteriores. Sabe-se que ele recebeu muito dos sacerdotes egípcios. Cerca de três séculos depois de Pitágoras, no terceiro século antes de nossa era, Aristóteles esboçou a concepção do mundo que, na época de Bruno e por muito tempo depois, influenciou o pensamento e a fantasia do homem. Os pensamentos de Aristóteles foram consolidados mais tarde pelo matemático Ptolomeu (século II d.C.) que viveu em Alexandria.

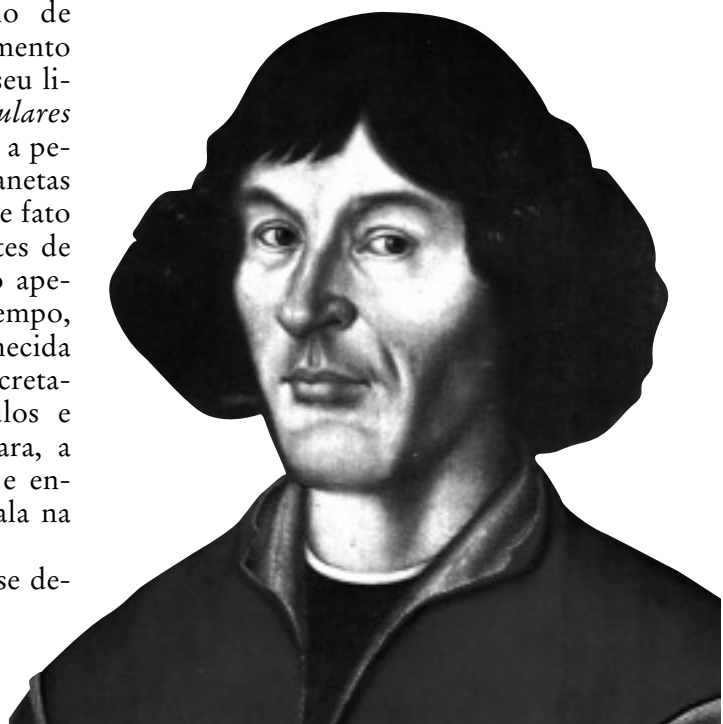
TORNANDO-SE TESTEMUNHAS DE
UMA DANÇA CÓSMICA NO ESPAÇO
IMENSURÁVEL

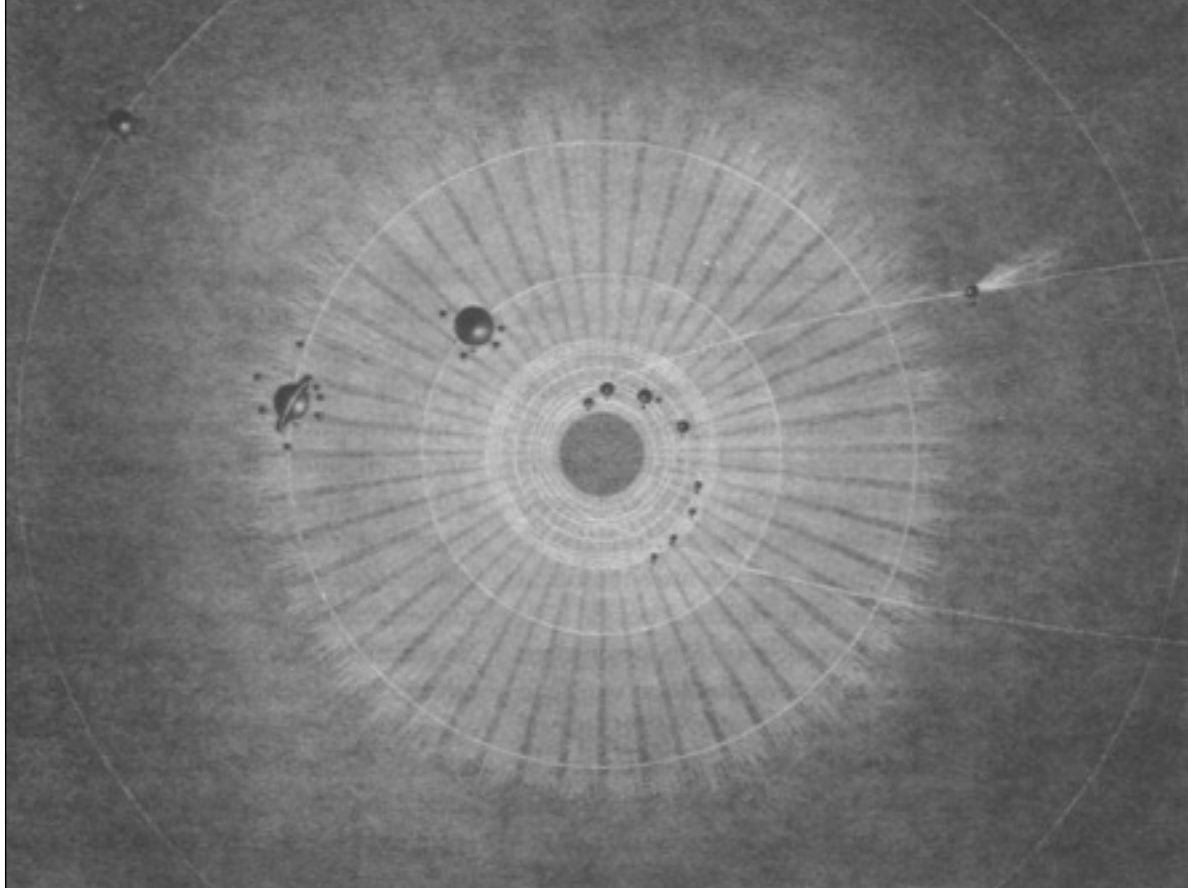
Antes de esboçarmos essa concepção do mundo, faremos uma digres-

Nicolau Copérnico, no ano de 1543, cinco anos antes do nascimento de Giordano Bruno, publicou seu livro *Sobre os Movimentos Circulares dos Corpos Celestes* no qual faz a perigosa afirmação de que os planetas giram em torno do Sol. Mas esse fato já era conhecido 4000 anos antes de Copérnico! Esse conhecimento apenas perdeu-se no labirinto do tempo, como tanta coisa outrora conhecida desaparece ou continua viva secretamente em determinados círculos e grupos de diversas culturas para, a seu tempo, emergir outra vez e encontrar acolhida em maior escala na consciência do homem.

Dos escritos de Bruno pode-se de-

Copérnico
(1473-1543)





O sistema solar
segundo Newton

são sobre o que nossos olhos observam. Como já foi dito, quando, à noite, contemplamos o céu estrelado, vemos um gigantesco jogo de movimentos, transformações e velocidades. Tornamo-nos testemunhas de uma dança cósmica no espaço imensurável. Mas será que, de fato, vemos isso mesmo? Percebemos realmente algo da velocidade com que a Terra gira em torno do Sol? Ou percebemos como a Terra gira em torno de si mesma? Não temos antes a impressão de que o Sol é que gira em torno da Terra? Pois ainda hoje dizemos: O Sol se levanta, o Sol se põe.

No plano dos órgãos dos sentidos, o homem percebe a Terra como imóvel e o Sol, os planetas e todo o firmamento girando em torno dela. Então, a impressão de imobilidade da Terra é uma ilusão. Assim, não é apenas o nosso olhar para os acontecimentos cósmicos, mas também para a nossa vida e nosso convívio que determina o fato de percebermos a nós mesmos como

centro dos acontecimentos. E um centro tem sempre algo de dominante. Nossa linguagem ilustra isso de maneira evidente. Frequentemente dizemos: tudo gira em torno dele. Ou partimos do pressuposto de que tudo devia girar em torno de nós mesmos...

Para essa atitude existe uma palavra bem precisa: egocentrismo. Ver a Terra como centro imóvel do universo, como sabemos, deriva de uma concepção geocêntrica do mundo. A palavra grega para Terra é Gaia. E aqui estamos de novo com Aristóteles e Ptolomeu. Eles viam a Terra como centro do cosmos. Para eles, a Terra está parada e tudo o mais gira em torno dela. (Aliás, é interessante que as palavras geo e ego sejam formadas pelas mesmas letras.) A Terra é o centro; o firmamento gira em torno dela. A palavra firmamento já diz tudo: «firmare» em latim significa «afirmar». Via-se o céu como uma espécie de abóbada de cristal transparente na qual as estrelas e planetas são

como luzes fixas (Bruno sempre tinha essa noção em mira), e essa abóbada gira em torno da Terra em diversos planos e esferas. Nessa concepção de mundo não se podia tocar, pois a Terra como centro do universo tinha uma missão muito especial. Para a Igreja só havia um corpo celeste escolhido por Deus, onde o Filho de Deus poderia nascer: a Terra, o centro do universo.

RUPTURA COM A ANTIGA NOÇÃO

É quase um milagre que Nicolau Copérnico tenha tido uma morte natural, pois a Inquisição, mais tarde, no ano de 1616, inseriu seus escritos no *Index*.

Copérnico lançou os fundamentos para a assim chamada concepção heliocêntrica do mundo. Para ele, estava claro que a Terra e os outros planetas giram em torno do Sol, e que, portanto, a Terra não é o centro do universo. O movimento aparente dos corpos celestes em torno da Terra existe apenas porque a Terra gira em torno de si mesma. Como se sabe, *Helios* é a palavra grega para Sol. Heliocêntrico significa: O Sol é o centro do universo e tudo gira em torno dele. Isto é, com efeito, uma ruptura com a antiga visão de mundo, mas também ainda aqui o Sol é o centro imóvel do universo.

Bruno baseou-se nas afirmações de Copérnico, porém, foi mais longe. E a ruptura que Bruno causou não era mais aceitável para a Igreja. De acordo com ele, o espaço universal é infinito. Mas o infinito não pode ter centro e não pode ser determinado através de coordenadas. Todo lugar no infinito é um centro e cada um dos corpos celestes é centro. E não apenas isso: tam-

bém cada átomo, ou seja, cada ponto, cada partícula de energia. Um quantum de energia é centro. O infinito é um oceano imensurável de energia. Algo como um espaço vazio no sentido de um vácuo total não existe para Bruno. O espaço imensurável ele denomina alma do mundo: um ilimitado campo de energia e inteligência, radicado no próprio infinito.

ATRAVÉS DA DELIMITAÇÃO PRODUZ-SE A DIVERSIDADE.

O infinito é, ele próprio, Deus. A alma do mundo é a onipresença de Deus no espaço, enquanto espaço. Espaço é o princípio que dá força, energia, inteligência, substância e forma. O espaço é uno, o perfeito um. Ele é a alma do mundo. Tudo veio a ser através dele e, por isso, tudo, por mais diverso que seja, no fundo é um. Através do mistério da delimitação produz-se a diversidade. O mistério da interminável diferenciação resulta na infinita diversidade. Quem sai da existência ilusória na limitação experimenta a unidade absoluta. De acordo com Bruno isso é a consumação.

Em muitos aspectos Bruno estava adiante de seu tempo. Porém muito do que ele disse e escreveu não soa estranho para os homens de nosso tempo graças à moderna ciência natural. Especialistas em Física nuclear e quântica ensinam-nos que a matéria sólida não é outra coisa senão energia numa determinada condição. A matéria sólida não tem existência própria. Através de pesquisas no espaço sideral é demonstrado que existem centenas de bilhões de sistemas galácticos numa extensão que ultrapassa toda a imaginação. E, mesmo assim, para Bruno havia mais, muito mais. Alguns de

seus pensamentos foram confirmados por resultados de pesquisas atuais.

POR ISSO TUDO É ANIMADO

Porém, sua visão ainda ia mais além. Para ele, a alma do mundo, o espaço universal, é a unidade e não conhece vazio em si mesma. Ela é plenitude onipresente, inteligência, consciência. E por isso, tudo é animado, sem dúvida de diversas formas, em diversos graus, mas, animado. Sem essa animação nada pode existir.

Existem hoje cientistas que partem do pressuposto de que realmente não há espaço vazio. Toda essa negridão que se vê à noite entre as estrelas é energia, de acordo com eles. Um centímetro cúbico do assim chamado espaço vazio contém tanta energia que, com ela, poder-se-ia aquecer até o ponto de ebulição toda a água da Terra, ou seja, todos os oceanos, mares e rios. Fala-se aqui de partículas que viajam em velocidade superior à da luz, os táquions, e de energia em ponto neutro. Naturalmente tudo isso ainda são hipóteses e teorias. Permanecem pontos de interrogação. Mas o cientista Stephen Hawkins é otimista. No prólogo de seu livro *O universo*, escrito em 1988, diz ele: «Dentro de alguns anos saberemos se podemos acreditar que estamos vivendo num universo que está retrocedendo em si mesmo, sem começo nem fim.»

Para Bruno, não há dúvida de que a alma do mundo existe, que o infinito campo de energia e consciência existe. De acordo com ele, no centro de cada corpo celeste encontra-se uma concentração especial dessa alma do mundo e, portanto, todo planeta e todo sol são colocados em movimento pelo seu núcleo. No cen-

tro de todo corpo celeste vibra e atua a força vivificadora, diretriz e propulsora. Todo corpo celeste é centro no infinito. Naturalmente todas as forças estão em ação recíproca umas em relação às outras, mas cada corpo celeste, cada criatura vive e se movimenta a partir de seu núcleo. E a fonte de tudo isso é a alma do mundo que está radicada no infinito, na unidade.

QUEM NÃO COMPREENDE O UM, NÃO COMPREENDE NADA

Bruno escreve no diálogo *Sobre a Causa, o Princípio e a Unidade*: *O universo, portanto, é um infinito imóvel. Uma é a possibilidade absoluta, uma é a verdade, uma a forma ou alma, uma a matéria ou corpo. Uma é a causa, uma a substância. Um é o maior e o melhor, que não se pode jamais melhor compreender e, por essa razão, é indeterminável e ilimitável e, também por isso, ilimitado e indeterminado e, assim, imóvel.*

Nos mesmos escritos consta a seguinte citação: *Pois como o homem que não compreende o Um não compreende nada, assim compreende tudo aquele que realmente compreende o Um. E quem chega ao conhecimento do Um, chega ao conhecimento do Todo.*

O filósofo alemão Ernst Bloch designou Bruno como um «Menestrel do Infinito». E há dois séculos Hegel designou Bruno como um cometa que, numa guinada, saiu da órbita planetária da filosofia elementar erudita, mas regressaria dentro de três séculos. Depois de Hegel, em futuro próximo, os conhecimentos de Bruno encontrarão acolhida no pensamento e na consciência dos homens. Talvez seja realmente assim.

ETERNA É A FORÇA ELEMENTAR
QUE ATUA EM CADA ÁTOMO

Chamam a atenção mais algumas pistas que o pensador e poeta italiano, com seu entendimento visionário e seu coração ardente, legou à humanidade. Foram extraídas, em essência, de seus escritos *De Immensio* (em latim), *A Expulsão da Besta Triunfante* e *Da Paixão Heróica* (em italiano) e aqui traduzidos em linguagem moderna. Os mundos, diz Bruno, os sistemas do mundo e todas as criaturas visíveis estão constantemente em movimento, são mutáveis e transitórios. Eterna é apenas a energia criadora da qual tudo proveio. Eterna é a força elementar que atua em cada átomo. Porém, as respectivas constelações, combinações, formas e imagens são mutáveis.

No infinito e através dele irradia a inteligência divina onipresente. Ela é oni-energia e oni-substância ao mesmo tempo. Esse potencial primário diferencia-se sempre numa infinidade de unidades. No plano material elas são os átomos ou, em escala ainda menor, unidades de energia subatômica. No plano da alma e do espírito, Bruno dá a essas unidades o nome de «mônadas». A diferença entre mônadas e átomos é apenas de gradação: ela só vale em relação à sua condição interior. Poderíamos dizer: uma diferença na concentração de potencial elementar ou oni-inteligência.

O MUNDO DAS SOMBRAS

O núcleo do ser humano é uma mônada espiritual, uma unidade, não uma constelação ou composição de outras unidades e, por esse motivo, não é passageiro. A mônada espiritual é a concentração de inteligência divina, a

Página de rosto
dos "Escritos
Heróicos" de
Giordano Bruno



expressão do infinito no homem. Um princípio espiritual com liberdade de escolha.

O mundo material resulta da composição variável de átomos, de mônadas mais ou menos latentes. Às vezes, Bruno denomina-o mundo das sombras. Assim como os corpos celestes seguem sua trajetória, o núcleo da essência do homem segue sua trajetória pelo mundo material. O objetivo dessa viagem de evolução é que o princípio espiritual no homem torne-se conscientemente um com sua origem, com a inteligência divina ou verdade divina.

Para Bruno, o homem que realmente procura pela verdade é um herói. A palavra grega *heros* significa filho de deus, semideus, herói. Portanto, o homem é um semideus! Divino e eterno em virtude de seu núcleo espiritual, transitório em virtude de sua forma e manifestação. Meio divino, meio mortal! O homem que intrepidamente trilha seu caminho para a verdade infinita é um herói pois ele domina a si mesmo. Ele sub-

juga em si o que é mortal, o que o separa da verdade divina.

PROFUNDAMENTE TOCADO POR SUA BELEZA

Em seus escritos *Da paixão heróica*, Bruno conta a seguinte história da mitologia grega: Acteão, neto do rei de Tebas, está caçando com seus cães numa floresta quase impenetrável. Levado pelo desejo de obter o troféu de caça, aproxima-se de uma clareira, sem o saber. Nesse lugar havia uma lagoa onde Ártemis, a deusa da caça, estava justamente tomando banho. Acteão, o caçador, espia através dos arbustos que cercavam a água e vê Ártemis em companhia de algumas virgens sem roupas e túnicas. Profundamente tocado por sua beleza, ele entra em êxtase. Mas as virgens descobrem-no e, com grande gritaria, advertem Ártemis de sua presença. Então, a deusa asperge Acteão com água. No instante em que a água o toca, o caçador transforma-se num cervo e foge na mata espessa. Do caçador provém a caça. Os cães saem atrás dele e, enfiando-lhe os dentes na garganta, abatem-no.

Singular é a interpretação que Bruno dá a esse mito. Há muitos tipos de caçadores: caçador de felicidade, de fama, poder e prazer, caçador de bens terrenos, caçador de conhecimento. No entanto, existe também o caçador da verdade divina, o herói. Em sua busca, ele entra numa floresta quase impenetrável, entra em si mesmo, em seu ser terreno caótico, mortal. Os cães simbolizam seu pensamento e sua vontade, dos quais ele precisa, pelo menos no início, para ir em perseguição à sua meta. E então chega o maravilhoso instante em que o herói pode olhar o mistério, a divina Ártemis,

Diana. É o momento da transformação total. Do caçador provém a caça; do buscador, o buscado ou, como também freqüentemente é dito, o que contempla é o contemplado.

A ORIGEM REENCONTRADA

Na caça ao divino, ao oniabarcante, o próprio homem, enfim, é caçado pelo divino e totalmente possuído por ele. O núcleo espiritual do homem reencontrou sua origem. Torna-se conscientemente um com ela. E com isso o homem transforma-se. Acteão torna-se um cervo. Ergue-se do ser humano terreno e, por assim dizer, abandona o mundo comum. Entrega-se à floresta, à solidão. Ao final também se ergue desse estado. Torna-se livre de todos os laços, confusões e ilusões dos sentidos. É libertado do cárcere da existência física, o que é simbolizado pela morte. Não é uma morte literal, mas

Acteão, sob forma humana, atacado pelos cães de Ártemis. Relevo sobre pedra calcária, de um templo grego em Selinonte, Sicília





uma morte mística, a transformação interior e exterior total.

Aquele que contempla e o contemplado são um, agora. Não há mais floresta, nem arbustos colocando-se entre o buscador e o buscado. A caça chegou ao fim; o caçador desapareceu. A essência espiritual do homem unificou-se com a grande mônada primordial, o ser infinito, o ego infinito.

ESTA DOR É O AGUILHÃO DO ARREPENDIMENTO

Em seu escrito *A Expulsão da Besta Triunfante*, Bruno exprime em outro bonito quadro a viagem do homem de sua existência terrena para o seu verdadeiro destino. Ele compara o homem a um cisne que, no recôndito de seu ser, sente dor e arrependimento pela sua prisão terrena. *Esta dor é o aguilhão do arrependimento. O arre-*

pendimento é uma virtude. Assemelha-se a um cisne. Não ousa erguer-se porque a consciência de sua degradação prende-o ao chão. Por isso afasta-se da terra e procura a água. A água é a lágrima derramada pela consciência. E nessa água o cisne tenta purificar-se para tornar-se igual à imaculada e alva inocência.

O cisne ou a alma volta-se para si mesma. Ela lembra-se de sua herança sublime e no princípio, ainda vacilante, começa a distanciar-se de todo o mal. Agora crescem-lhe asas de novo, ela eleva-se, é aquecida pelo sol e arde de amor pelo divino. Assim, torna-se etérea e transforma-se em seu próprio ser primordial. Enganos e pecados também podem ter sido a causa de seu arrependimento. *Agora chamo a alma de rosa púrpura, crescendo em meio a agudos espinhos. Chamo-a de centelha reluzente que, desprendida do duro seixo, eleva-se para o sol do qual é interiormente aparentada.*

O cisne,
ou a alma,
recolhe-se em
si mesmo. Foto
Pentagrama

«PORQUE ONDE ESTIVEREM DOIS OU TRÊS REUNIDOS EM MEU NOME, ALI ESTOU NO MEIO DELES» (Mat. 18:20)

Cada homem constitui um campo de energia. Quando esses campos se juntam em grande número, forma-se um grande e potente campo de energia. Toda reunião entre pessoas, seja ela de familiares ou amigos, importantes grupos econômicos ou científicos, ou ainda de partidos políticos, representa um conjunto de campos de energia que se reforçam mutuamente e onde os participantes usufruem de seu potencial. Durante manifestações políticas, greves, competições esportivas, vemos muitas vezes esse potencial tornar-se um campo de tensão de imenso poder.

Semelhantes campos de energia coletivos são criações da vida em sociedade. Sua natureza estritamente humana priva-os da sabedoria divina. Eles constroem hierarquias baseadas no medo da vida, no medo da morte, no medo dos outros. Uma vez criados e submetidos a leis magnéticas, semelhantes campos atraem tudo o que necessitam e repelem aquilo com o que não têm afinidade. Sua estrutura parasítica os obriga a se manterem às custas de seus criadores e de seus mantenedores. Além disso, eles são expostos a flutuações ocasionadas pelas mudanças de padrões de radiação do macrocosmo, do cosmo e do microcosmo. Expandindo-se e contraindo-se, a energia ondula, vai e vem. O forte domina o fraco e sobrevive a

ele. Porém a roda gira e o que estava em baixo vai para cima e o que estava no topo cava agora seu infortúnio. Assim, realmente não há nada de novo de baixo do sol. Somente as formas se alteram e se adaptam à humanidade onde quer que ela se encontre na sua peregrinação através do universo.

SINTONIZAR A NATUREZA DO PROTO-ÁTOMO

Quando alguém no caminho joanino caminha em autodoação, em sentido perfeito, atrai para si uma grande energia, a fonte de energia da Gnosis. Essa energia, em um dado momento, inflamará completamente o proto-átomo até surgir uma reação em cadeia. Isso quer dizer que essa reação em cadeia colocará todos os átomos da personalidade em harmonia com a natureza do proto-átomo. O ser humano capaz de desencadear uma tal reação atou a rosa à cruz. O que quer dizer: uma rosa vermelha, desabrochada e ardente. Ele tornou-se um rosacruz.

Die Gnostischen Mysterien der Pistis Sophia, Jan van Rijckenborgh, Rozekruis Pers, Haarlem, 1992.
(*Os Mistérios Gnósticos da Pistis Sophia*, Jan van Rijckenborgh)

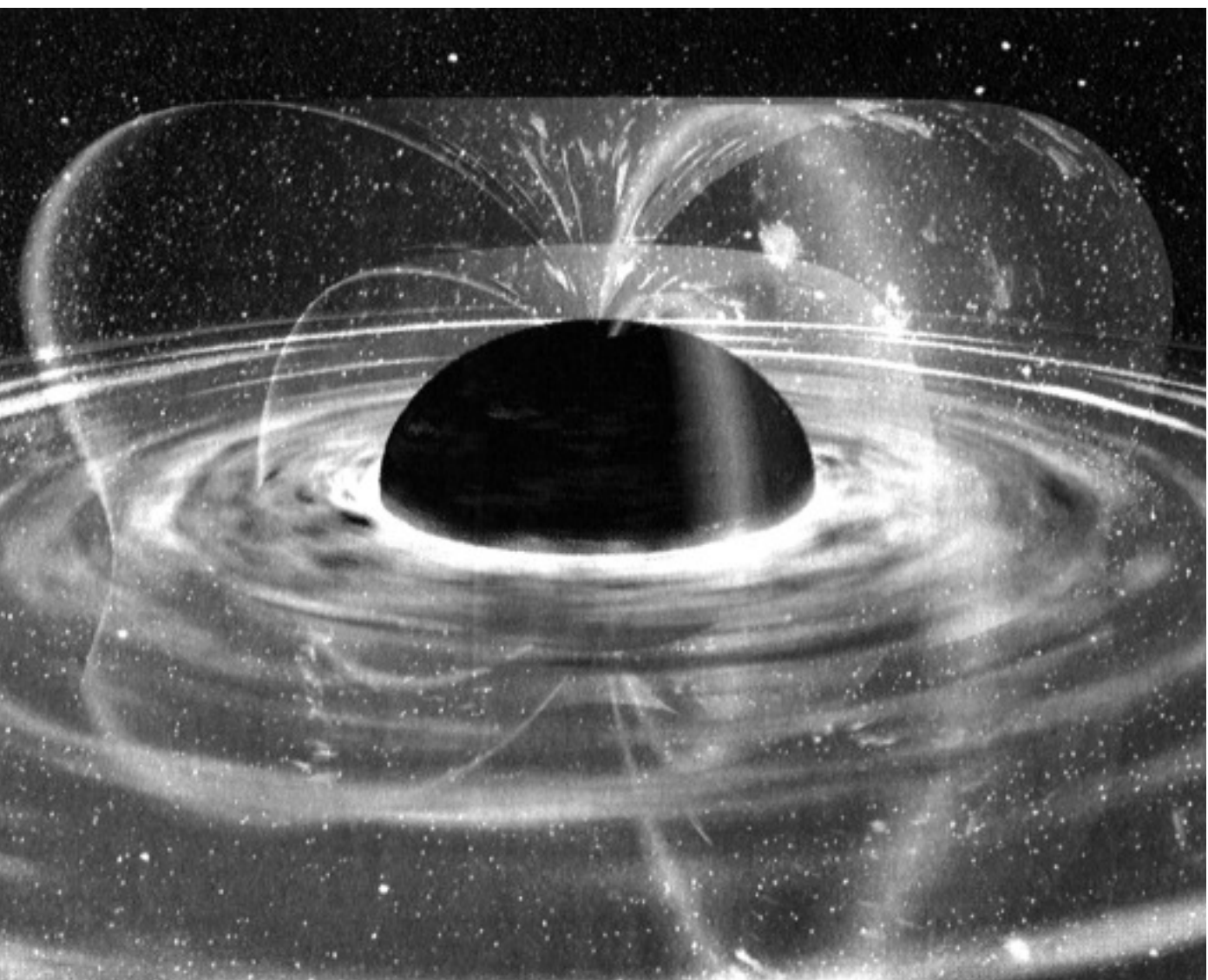
Representação de um campo magnético com suas forças de atração e repulsão. NASA

Diz-se que é sábio afastar-se do circuito da fatalidade. Muitos tentaram e se retiraram nos cumes de montanhas, grutas ou regiões afastadas. Ainda que não fosse por ideais espirituais, quiseram deixar seu país e o pesado jugo de suas leis. No entanto, onde quer que vá, o ser humano leva consigo a si mesmo. E ele mesmo é a origem de seus próprios problemas, possibilidades e impossibilidades. É por isso que ele não pode fugir, subtraindo-se aos processos

naturais. Pelo menos não com uma perspectiva única, durável e libertadora.

O AMOR NÃO ROUBA NENHUMA ENERGIA, MAS SE ENTREGA DE MODO DESINTERESSADO

O campo de energia divino e eterno toca o mundo dos homens com o Amor incondicional. E a característi-



ca desse Amor é que ele se doa a todos, como o sol que brilha para todas as criaturas. A força desse Amor aumenta à medida que mais seres humanos começam a procurá-lo. Eles não se deixam mais desencaminhar por autoridades mais ou menos bem intencionadas. Eles clamam pelo Amor, imploram por Ele, sorvem-no e assim podem sentir uma intensa ajuda no seu caminho de libertação espiritual. O Amor não rouba nenhuma energia, mas se entrega de modo desinteressado. Ele somente tem por objetivo alimentar a centelha do fogo divino no coração humano até que ela possa irromper na alma desenvolvida. O Amor mostra não somente a estrutura e o plano de desenvolvimento do macrocosmo, mas confere ao ser humano também a força para segui-lo, cooperar com ele, esquecendo seus próprios interesses.

Quando seres humanos se encontram mutuamente no mesmo caminho, eles juntam suas forças. Eles formam juntos um amplo campo de libertação, alimentando e renovando a energia que irradia para todos os que necessitam dela. Um campo de energia como esse existe e todo o buscador da Verdade pode encontrá-lo. Após todo o seu jornadaear através da natureza, ele sabe, do mais profundo de seu ser, como pode alcançar e adentrar um tal campo, pois ele o atraiu, o chamou em seu caminho de vida. E é unicamente o que ele precisa fazer, esquecendo de si mesmo para compreender da justa maneira o chamado e a força de atração. E corresponder a eles. Então, ele cooperará na construção de um sempre crescente campo de energia divino-humana onde a alma doente pode recuperar-se e vencer a morte.

ENTRAR NUMA NOVA CURVA EVOLUTIVA

Assim chega o tempo de muitos se libertarem dos valores e normas impostos, de encontrarem um novo sentido para a vida. O tempo chegou em que muitos se preparam para ajudar outros a encontrar o caminho e a orientar suas vidas. A história já viveu momentos como este. Eles testemunham da glória e da riqueza desses encontros bem como da incompreensão e das forças que tentam opor-se a esse sublime momento da manifestação divina em Amor, Sabedoria e Força.

Que aqueles que se dão as mãos para entrar na nova curva evolutiva não sejam perturbados por aqueles que ainda não reconheceram o caminho, que não querem segui-lo. Que muitos possam caminhar juntos na senda ascendente.

O SER DE DEUS É COMO UM CÍRCULO

O ser de Deus é como um círculo. Quanto mais para ele se olha, mais se aprende sobre sua forma. E quanto mais se aprende, maior é a alegria que nesse círculo se tem, escreveu o filósofo Jacob Boehme no ano de 1612.

Em sânscrito, o círculo é chamado mandala. Hindus e budistas usam mandalas ou desenhos místicos de formas circulares como recurso auxiliar na meditação. A propósito, o conceito mandala faz alusão às dez partes dos Vedas. Com o reavivamento do ideário espiritual oriental no ocidente, a mandala tornou-se, também aqui, um recurso popular para a meditação e a redução do stress. Porém, o círculo não é apenas um símbolo hindu ou budista, mas aparece em todas as religiões e culturas, eventualmente com outro nome ou objetivo. As famosas catedrais da França têm janelas redondas denominadas rosáceas. Em mesquitas, muitas vezes, paredes e tetos são ricamente decorados em toda a sua volta com textos do Alcorão. Os celtas confeccionavam suas complexas obras de trançagem em padrões circulares e, assim, simbolizavam o movimento eterno. Além disso, padrões circulares aparecem em lugares de maior ou menor destaque como grades de ferro batido, louças, capas de livro, motivos em ladrilhos e também na natureza, como por exemplo, na rosa ou no lótus.

A MANDALA COMO PONTO DE CONCENTRAÇÃO

Para hindus e budistas, a mandala serve como ponto de concentração na

meditação. Em catedrais, igrejas e mesquitas, elas têm uma função idêntica. Através de sua estrutura e da coloração escolhida, elas irradiam uma atmosfera que põe o frequentador da casa de oração em determinado estado de ânimo. Uma forma popular daí derivada são mandalas impressas que, então, podem ser coloridas. Atualmente são, com frequência, empregadas como recurso em escolas, em testes e tratamentos psicológicos. Desse modo, com as crianças, consegue-se certa forma de meditação ou tranquilização inteiramente direcionada para a obtenção de um equilíbrio na personalidade.

Clarividentes constataram que a rosácea apresenta grande concordância com os chacras do homem. A rosácea da fachada sul da Catedral de Chartres, na França, tem a estrutura

FORTALECIMENTO DA LIGAÇÃO COM A NATUREZA

Três rosáceas com elevado poder mágico estão localizadas nas duas naves e na galeria acima do órgão da Notre-Dame, em Paris. Essas três rosáceas atuam conjuntamente sobre os três santuários dos corpos dos frequentadores. Através da visão etérica, vê-se claramente que elas giram como os ponteiros do relógio, da esquerda para a direita. Esta influência ocasiona uma forte ligação do público com o campo de força da igreja.

(A Grande Revolução)



Kokori-no-kagami, o espelho do coração. A roda da vida do budismo japonês com seus dez estados de renascimento

do chacra coronário com as doze pétalas no centro. O chacra laríngeo e o chacra do coração são apresentados nas rosáceas da Catedral de Notre-Dame, em Paris, estando o cardíaco, com doze pétalas, na janela do oeste e o laríngeo, com dezesseis pétalas, na do norte. Esta última «rosa» é designada também como «janela dos alquimistas». Isso é compreensível no que diz respeito ao significado dos chacras posto que o chacra laríngeo é a porta da energia criadora com a qual o ouro, a alma divina que pode estabelecer a ligação com a vida divina, deve ser preparado pelos alquimistas.

UMA EVOLUÇÃO SEM COMEÇO OU FIM

O círculo simboliza o eterno porque ele é sem começo e sem fim. Jacob Boehme escreveu que o ser de Deus é como um círculo. Essa informação não deve ser tomada como definição, pois Boehme descreveu suas observações como «o ver a Deus», assim como também descreveu o profeta Ezequiel em Ez., 1: 20, 26 e 28: *Para onde o espírito queria ir, iam; pois o espírito os impelia; e as rodas se elevavam defronte deles, porque o espírito da criatura vivente estava nas rodas.*



[...] E por cima do firmamento, que estava por cima de sua cabeça, havia uma semelhança de trono como de uma safira; e, sobre a semelhança de trono, havia como que a semelhança de um homem [...] Como o aspecto do

arco que aparece na nuvem no dia da chuva, assim era o aspecto do resplendor em redor. Este era o aspecto da semelhança da glória do Senhor.

Nas descrições de Ezequiel, círculos e rodas exercem um papel importante. Surge então a pergunta se também o homem pode ser comparado a um círculo. Essa idéia é ainda fortalecida pelas palavras do Gênesis 1:26: *Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança.* Visto exteriormente, o homem pouco se assemelha a um círculo. Porém os rosacruz descrevem o homem como um microcosmo, como uma imagem esférica da vida na qual se manifestam os diferentes corpos da personalidade. E Max Heindel escreve na sua cosmologia que o homem, ao final de sua evolução, tornará a ter uma imagem circular.

QUE SÃO CHACRAS?

Os sete chacras do homem não podem ser denominados especificamente como materiais, pois eles interpenetram toda a personalidade. Segundo o aspecto físico, eles apresentam estado gasoso; além disso, são de natureza etérica e, finalmente, eles penetram também o corpo astral. A pineal, este órgão singular, constitui exceção. Trata-se de uma glândula de secreção interna que se encontra fisicamente no santuário da cabeça, e está simultaneamente ligada ao chacra do alto da cabeça. Daí sua poderosa irradiação.

Cada um desses chacras, também conhecidos como rodas, possui individualmente tarefa específica e está em movimento contínuo. Vistos de dentro para fora, eles

giram no sentido dos ponteiros do relógio, da esquerda para a direita, e atraem, em consonância com o estado interno do homem, diversas forças astrais que, convertidas em éter por meio do movimento rotativo, alcançam todo o sistema físico mediante o corpo etérico. Além desses sete chacras principais, existem ainda, no mínimo, quarenta e dois menores, que, em conjunto, formam uma grande rede de sete vezes sete centros de força.

Compreendereis, portanto, que o corpo astral, o etérico e o físico estão intimamente ligados um ao outro e que, por intermédio dessa ligação, o estado astral é também o estado etérico numa fração de segundo, e o estado etérico é, ao mesmo tempo, o material.

(A Arquignosis Egípcia)

Leonardo da Vinci desenhou o homem em pé num círculo.

QUE EFEITOS TÊM O TRABALHO COM MANDALAS?

Pode-se fazer as próprias mandalas, mas também se pode comprá-las e colorir. O sublime significado do círculo, muitas vezes, desperta grandes expectativas naqueles que se ocupam com mandalas, mesmo que, no mais das vezes, não estejam conscientes de seu verdadeiro significado! Para eles é uma imagem da harmonia e da pureza na qual parecem dissolver-se todos os antagonismos da vida diária. Será que através do simples colorir tais figuras estabelecemos uma ligação com o criador? Será que assim podemos vivenciar Deus?

Aquele que faz, ele próprio, uma mandala, faz com o auxílio de imagens que emergem do consciente e do inconsciente. Elas podem ter uma interpretação psicológica. O psicólogo C. G. Jung dedicou-se intensivamente a isso. A representação da consciência – consciente ou inconsciente-



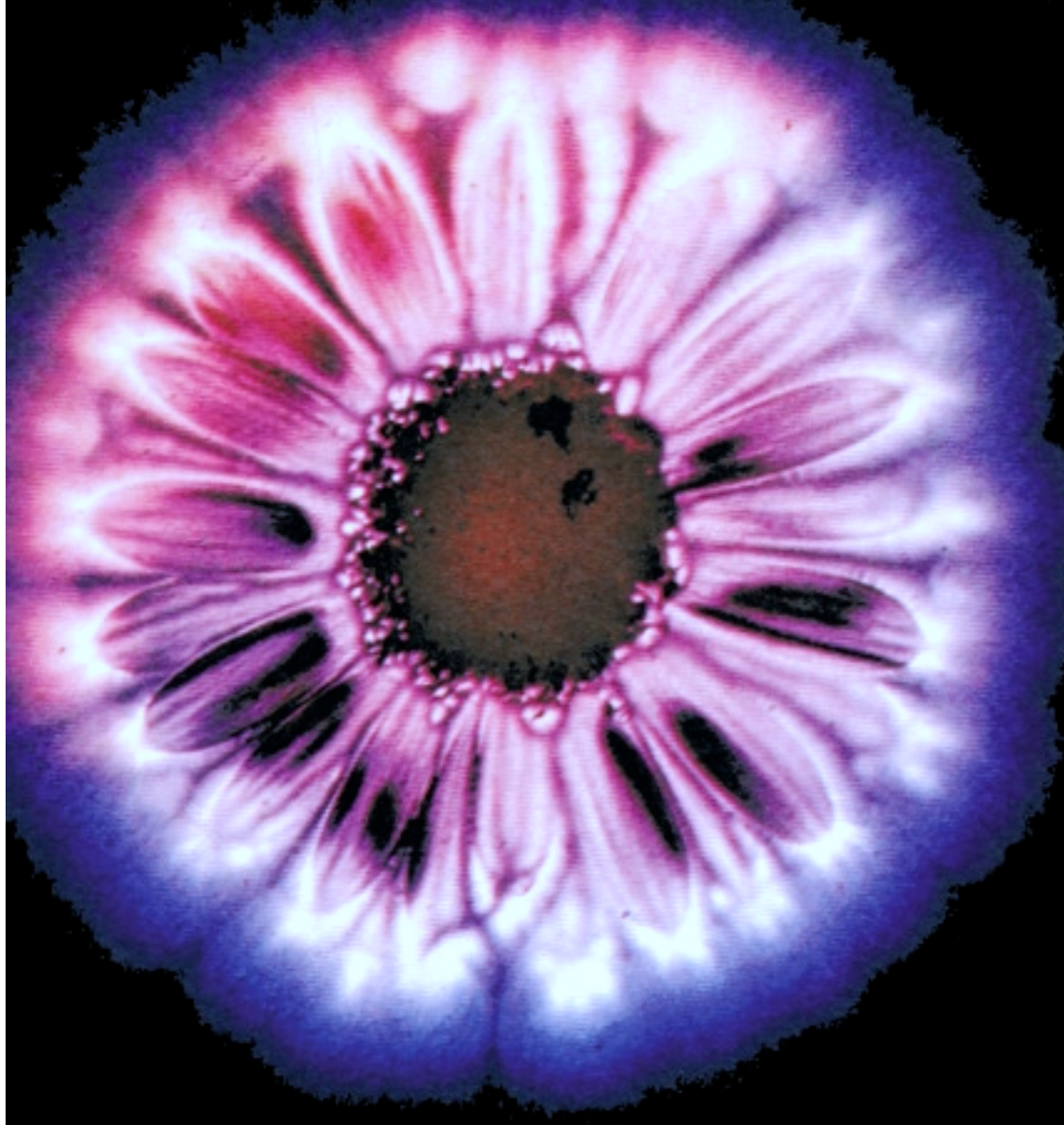
mente – contém o grande perigo de fazer a ligação com forças que não conhecemos e das quais, numa análise mais profunda, talvez preferamos ver-nos livres. Colorir mandalas impressas parece aborrecido. Mas, para pessoas exaltadas, comprova-se uma boa terapia e muitos encontram a tão necessária tranquilidade e concentração, mesmo passageiras, através de pequenos trabalhos como esse. Como foi dito, esse recurso é também muito usado nas aulas, para ensinar a crianças hiperativas como conseguir relaxar e concentrar-se.

Contudo, é também sabido que todas as formas com as quais o homem se envolve atuam sobre ele. Pois esta é também a função das rosáceas nas igrejas e catedrais assim como os motivos circulares nas mesquitas. No entanto, a espécie de influência depende da mensagem que aquele que as fez introduziu em seus motivos. Quanto maiores e mais sublimes, mais imponente é o efeito. Quanto mais ocultas elas são, mais as almas ficam ligadas. Por isso surge mais uma pergunta: Pode uma forma tão especial como a do círculo realmente elevar o homem a Deus e levá-lo à iluminação? Para aqueles que a isso respondem muito rapidamente sim ou não, é importante verificar primeiro o que eles realmente entendem por iluminação. Pois o que para uns significa uma iluminação, para outros talvez seja apenas um passo no caminho para a ilu-

Três estágios do corpo humano. No futuro, a Consciência se situará no meio. Extraído de A cosmogonia dos Rosacruz ou Filosofia Mística Cristã. Max Heindel.



Cruz celta com motivos de nós. Por volta do século VIII d.C. Manse, Glamis, Angus, Escócia.



O fotógrafo russo Kirlian fez este instantâneo do corpo etérico de uma flor.

minação. Cada fase da renovação da consciência pode ser considerada como iluminação. Porém, a iluminação definitiva, ou seja, tornar-se uno com a Gnosis, exige o desaparecimento total da consciência que experimenta a iluminação, pois tornar-se uno é a unificação da alma renascida, renovada, com o espírito primordial. E todas as fases nesse caminho sempre estão ligadas à roda da vida e da morte ainda que seja em nível cada vez mais elevado. Assim, um diz que vai ser iluminado pelo canto de um pássaro, outro através das cores da madeira úmida ou através da dedicação total a seu trabalho. Também Jacob Boehme falava de iluminação: *Um dia, sentado em meu*

quarto, meu olhar recaiu sobre um prato de estanho polido que refletia a luz do sol com tanto esplendor que entrei num êxtase interior e parecia-me que podia compreender os mais profundos princípios e fundamentos das coisas.

Algumas mandalas são tão harmônicas em apresentação e cores que lembram ao observador um mundo de paz e harmonia do qual a alma outra proveio. Se essa recordação o levar à busca, a porta para o reino de Deus pode ser novamente aberta para ele. Então a recordação o terá ajudado a extrair a energia necessária para o retorno.

A figura na lápide do sepulcro de

Boehme consiste em grupos de semi-círculos. É uma forma rara pois verdadeiras mandalas são círculos fechados. No entanto, a forma aberta aparece em dédalos e labirintos. São dois símbolos que confrontam o homem com o objetivo de sua existência. Os caminhos transitórios e inextricáveis deste mundo são evocados pelo dédalo. No labirinto, porém, existe um caminho que, uma vez encetado, conduz ao centro. Essa representação simboliza também o caminho da libertação do mundo dos opostos. Os dois elementos estão representados no símbolo da lápide de Boehme. No círculo fechado encontram-se dois semicírculos: na eternidade manifesta-se o tempo. Além disso, um semicírculo é escuro e o outro é claro. Boehme distingue nitidamente os três princípios da vida. O primeiro princípio é o fogo – Deus, o Pai – o círculo grande. O semicírculo claro simboliza o segundo princípio, a luz – é Deus, o Filho. O mundo visível é o terceiro princípio, uma ação conjunta profana de fogo e luz. Dessa maneira Boehme afirma que Deus não é a fonte do relativo bem e mal, mas que a criatura provoca esses atributos como consequência da própria vontade, o círculo escuro.

Este mundo profano é um reflexo do mundo divino mesmo estando separado dele. Mas a cruz e o coração ligam estes dois mundos pois no coração vive a lembrança do mundo divino. Para Boehme, o coração também simboliza o olho de Deus. Para renascer no mundo sagrado do fogo e da luz, o homem precisa despedir-se do mundo profano, assim escreve Jacob Boehme. A vívida lembrança no coração atrai novas forças com as quais o homem pode despedir-se do mundo profano.

Com essa esfera filosófica – como é chamada essa representação numa publicação de 1647 – o famoso filósofo

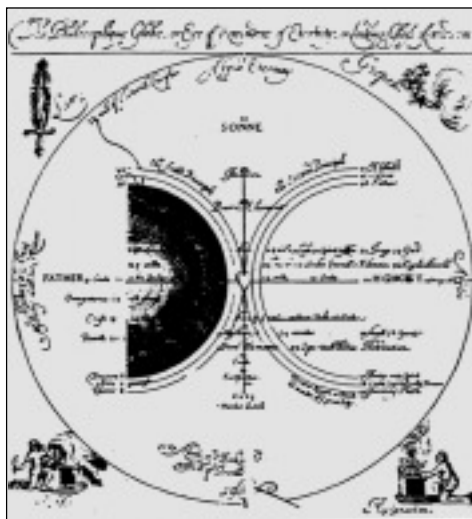
alemão mostra a realidade na qual vive o homem: um mundo do relativo bem e mal que é isolado do mundo do fogo e da luz. Esta imagem também é utilizada no budismo.

Quando monges budistas fazem uma mandala eles a terminam e varrem uma parte da representação. Com isso mostram que este mundo não é perfeito e que ainda deve haver algo mais. Isso significa que uma mandala, por mais sublime que seja, não pode ligar o homem ao mundo divino. Para estabelecer esse vínculo o homem deve primeiro se transformar em seu ser mais profundo. O fogo profano dentro dele deve ser apagado para que possa ser aceso o fogo sagrado primordial.

FONTES:

- Jan van Rijckenborgh e Catharose de Petri, *A Grande Revolução*, Lectorium Rosicrucianum, São Paulo, 1986, p.7.
 Jan van Rijckenborgh, *A Arquignosis Egípcia*, Tomo IV, Lectorium Rosicrucianum, São Paulo, 1991, p. 66.
 Jacob Boehme, *Symposionreeks*, Rozekruis Pers, Haarlem, 2001, p.13,14.
 P.D. Ouspensky, *Tertium Organum*, Servire, 1990, p.244.

O globo do filósofo ou o olho da eternidade. Jacob Boehme



SOMBRAS MANTÊM O HOMEM APRISIONADO

No capítulo 7, vers. 15 de sua Carta aos Romanos, Paulo escreve: «O que quero, isso não faço; mas o que aborreço, isso faço.» Estas palavras mostram que no homem se manifestam duas forças contrárias. Elas apontam para a luta entre o homem e os ameaçadores espectros que emanam do seu assim chamado eu superior. Em numerosas lendas e mitos essa força antagonica é denominada o guardião do umbral.

A humanidade atual é uma mescla de um grande número de raças e povos. Alguns grupos ainda conservam seus costumes tradicionais peculiares, outros perdem-nos gradativamente e são absorvidos por formas culturais mais amplas. Povos orientados para a natureza e seus processos vitais vivem ao lado de povos que baseiam seu padrão de vida em técnicas avançadas. Os primeiros prendem-se ao passado, os outros desejam agarrar o futuro. Para aqueles, as vivências de grupo são o ponto central, enquanto que os últimos são constituídos por pessoas individualizadas que se distanciam cada vez mais umas das outras. Onde a consciência

individual ainda não está muito desenvolvida, a consciência de grupo atua de forma determinante. Em tais comunidades, desgraças e doenças muitas vezes são encaradas como pragas e julgamentos pelos quais todo o grupo é atingido. Esta correlação é explicada por elementos do grupo com sensibilidade etérica que podem estabelecer contato com as regiões invisíveis. Na filosofia da Rosacruz estas regiões são designadas como esfera refletora, porque ali está refletida toda a conduta humana.

Nessas comunidades acredita-se que desgraças e doenças acontecem porque o povo não cumpriu as exigências dos deuses. A natureza e seus processos não apenas são mitificados nessas culturas, mas também apresentados simbolicamente como figuras animais, meio humanas ou humanas. Esses deuses são responsáveis, por exemplo, pela fertilidade, pelo tempo ou pela trajetória celeste do sol e também por terremotos, enchentes e outras catástrofes naturais. Os sábios de um povo desse tipo são consultados nessas oportunidades. Eles explicam os fenômenos e mostram a seus consulentes como os deuses enfurecidos podem ser abrandados através de sacrifícios e penitências.



A CRENÇA EM DESTINO E FATALIDADE É CULTIVADA

Na mesma medida em que se desenvolvem os corpos sutis do homem e sua individualização avança, também progride paulatinamente – como uma criação dele próprio – um deus pessoal na esfera refletora. Entre o homem e esse eu superior que o nutre e dirige, existe uma ação recíproca. Se o eu inferior – o homem biológico – se comporta bem, ele é recompensado com uma vida boa – assim se presume. Comportando-se de modo desatento nesse aspecto, ele submerge no caos. A marcha das circunstâncias torna o homem consciente de que ele engendra o seu próprio destino. Este pode ser bom ou ruim, inteiramente de acordo com seu comportamento. O destino ou a sorte confronta-o inexoravelmente com as consequências de seu procedimento. Com isso fecha-se o círculo. Mas também existe a possibilidade de sair desse círculo. Porém, se o homem acredita que o destino ou a fatalidade não podem ser rompidos em hipótese alguma, ele torna sua prisão cada vez mais hermética até que não mais consegue escapar. Seu eu superior ou ser aural tem-no completamente sob seu domínio.

Durante o mergulho no mundo físico, o homem prendeu-se de maneira cada vez mais firme à matéria grosseira e sutil. Ele se materializou cada vez mais fortemente. Muitos chegaram agora ao ponto mais profundo da materialização. Isto enrijeceu a forma através da qual o homem se expressa. Os corpos mais refinados perdem sua transparência através de uma vida determinada pelo entendimento inferior. O homem orientado para o mundo material aprendeu a usar sua razão para regular e governar os processos vitais. Aí há uma grande diferença em relação ao pensamento puro, original, que é uma faculdade com a qual a sabedoria divina pode ser recebida, compreendida e empregada. Quando o homem ainda não encontrou esse caminho, ele tenta descobri-lo com o auxílio da razão inferior. Ele vai perceber, enfim, que também para esta poderosa faculdade da razão há um limite nítido. O pensar terreno não está habilitado para sondar os propósitos divinos.

No início do século XIX, a humanidade mergulhada na matéria chegou ao seu ponto mais profundo e também ao momento de transição no seu desenvolvimento. Houve uma situação de crise. Uma separação delineou-se entre

O que um homem ajuntou não desempenha nenhum papel no último estágio de sua vida. Albert Hahn





Em 1905, Albert Einstein apresenta a teoria da relatividade restrita e, em 1916, a teoria da relatividade geral.

aqueles que procuravam um caminho de saída da matéria e aqueles que nela se fixaram procurando segurança e acabaram ancorando-se mais profundamente. Porém, no seu conjunto, a humanidade foi colocada diante de uma abertura, uma libertação da matéria e uma subida para uma outra

dimensão. Ela devia tirar sua consciência da decadência e direcioná-la para um arco ascendente de evolução.

UMA ÚNICA SENTENÇA TINHA O COMPRIMENTO DE QUARENTA PÁGINAS!

Um impulso para a desmaterialização começou a atuar. Nas culturas ocidentais irromperam artistas com James Joyce, Paul Klee, Wassily Kandinsky, Pablo Picasso, Salvador Dali, Arnold Schönberg e muitos outros que quebraram os moldes da expressão clássica, tanto artísticos como lingüísticos. Joyce escrevia contos que consistiam em sentenças e expressões que, de certo modo, dissolviam o significado constante da idéia, fazendo passar despercebido o sentido literal das palavras. Uma sentença como essa podia chegar a ter o comprimento de quarenta páginas! O movimento de Munique, chamado «O cavaleiro azul», em torno de Klee e Kandinsky, convertia as representações realísticas do homem em cores, formas e símbolos. A escola de música de Viena, tendo como centro o compositor Schönberg que desenvolveu o sistema de doze tons, teve grande influência sobre a nova geração de compositores. O jovem Albert Einstein, que trabalhava em um escritório de patentes, desfez as rígidas concepções do homem sobre o mundo físico com uma descrição revolucionária muito precisa do universo na qual ele se movia de um nível subatômico até a dimensão macrocósmica. Ele relatou que no interior da estrutura flexível do tempo, energia converte-se em matéria e matéria converte-se de novo em energia e que todas as coisas materiais voltam ao grande «armazém» de energia que é designado como universo.

Em Viena, nos movimentos artístico e científico, aparentemente independentes um do outro, deu-se ainda uma revolução de um tipo bem diferente.

Sigmund Freud, em geral conhecido como pai da Psicologia moderna, escreveu que anjos e fantasmas eram apenas produções das necessidades humanas. Essas produções acompanhavam então os homens e determinavam sua vida e seu destino. Uma pessoa do círculo de Freud, Carl Gustav Jung, elaborou um quadro do homem no qual acrescentou uma dimensão espiritual à percepção dos sentidos. Ele explicou as condições de vida do homem não tanto pelo destino e sexualidade, como Freud, mas também pelo anseio humano por livrar-se da natureza. Para Jung, essa era a razão do dilema em que se encontra a humanidade. Para alicerçar suas teorias ele recorreu aos sistemas espirituais do oriente e do ocidente, como por exemplo, o gnosticismo e o budismo, ambos negados e reprimidos durante séculos no ocidente. Jung partia do pressuposto de que os problemas do homem originam-se em parte de seu anseio por libertação e, igualmente, de sua capacidade de criar uma «sombra», como ele a chamou.

O movimento New-Age continuou desenvolvendo o conceito de sombra. Cada um engendra sua sombra e é acompanhado por ela por toda a vida, dizem seguidores de Jung. De acordo com essa interpretação, cada um deve olhar nos olhos da sombra e aceitá-la nesta vida ou numa encarnação futura. O referido movimento tomou muito das concepções de Jung e, com o auxílio de seus pensamentos, desenvolveu uma atividade prática e uma filosofia holística. Porém, Jung havia escolhido conhecimentos gnósticos como ponto de partida, o que tornava seu quadro de referência mais abrangente do que o holístico, pois a visão de mundo holística parte da harmonia dos opostos neste mundo e não reconhece um mundo divino acima deste, enquanto que o gnóstico reconhece este mundo como universo relativo iluminado pela lei de uma unidade absoluta mais elevada. A visão holística mostra um equilíbrio aparente entre os opostos terrenos, que é acessível ao

«O SENHOR É A TUA SOMBRA À TUA DIREITA»

Na filosofia da Rosacruz o conceito de «sombra» tem um significado bem diferente, muito positivo. Ele remete ao vínculo com a luz primordial, como no salmo 121, na Bíblia. Através desse vínculo, aquele que verdadeiramente busca a Deus pode empregar a luz a serviço de seus semelhantes. Essa sombra é, portanto, um campo de energia libertadora que pode trazer a cura ao homem mergulhado na matéria. É um recurso, uma força. «Se a sombra pertencer a alguém que faça parte, conscientemente, da Hierarquia (da Luz) e trabalhe a seu serviço, terá seu possuidor “uma sombra à sua mão direita”, o que significa que ele pode, a serviço da Luz, dispor positivamente da força nele transmutada em bem espiritual», escreve Jan van Rijckenborgh na sua obra Filosofia Elementar da Rosacruz Moderna.

(Lectorium Rosicrucianum, Rio de Janeiro, 1960)

homem-eu. Mas a unidade absoluta é um equilíbrio superior. Ela só é acessível para o homem que pode viver nesse equilíbrio espiritual. Para isso, porém, ele precisa abandonar seu eu e despertar a alma imortal que é capaz de viver da unidade absoluta.

BANIDO PARA O LADO SOMBRIO DA
PERSONALIDADE.

O conceito de sombra na visão de mundo gnóstica contém um significa-

do bem diferente do que lhe deu Jung. De acordo com Jung, a sombra é formada pelo fato de que o homem, desde a infância, aceita ou rejeita impressões. Por exemplo, uma criança faz algo que é agradável para seus pais e estes a recompensam. A recompensa estimula a repetição desse comportamento bem recebido pelos outros que, dessa forma, é encorajado e cultivado. Mas um comportamento pode causar irritação e reações negativas e segue-se uma punição. Esse comportamento é, então, banido para o lado da sombra ou o lado oculto da personalidade. Mesmo ficando escondido ali, ele continua sendo alimentado pela personalidade, consciente ou inconscientemente. Assim o homem, desde jovem, constrói sua própria prisão.

Quando adulto, o homem pode, por exemplo, evitar a pobreza porque antes foi pobre. Pode também evitar ou negar uma conduta imoral porque quer ser virtuoso. Se os pais não conseguirem proporcionar o necessário amor e calor, nem a orientação requerida, isso pode dar origem à oposição a seu modo de vida e serão evitadas, pelo jovem, situações que possam lembrar o passado. Quando na infância teve uma vida instável, um adulto pode, por exemplo, evitar mudar o rumo de sua vida ou deixar o lugar onde mora mesmo que isso possa significar uma melhora nas suas condições de vida. Assim o homem está sempre fugindo de sua sombra, das vivências negativas de sua infância. Aquele que cuida de crianças sabe que, em relação a elas, com frequência, toma decisões tentando evitar as suas próprias deficiências antigas que lhe foram penosas. O comportamento de fugir de sua própria sombra e cultivar seu próprio medo pode ser transferido para as crianças.

Mas também elas já estão fugindo de sua própria sombra e moldando seu próprio eu. Algumas deixam a casa dos pais e mudam para longe, outras escolhem uma carreira desgastan-

te e aventureira ou viajam para países distantes para fugir de si mesmas e de sua sombra. E assim, dinheiro, amor, necessidades e preferências sexuais, tendências políticas e círculos de amigos podem determinar a vida do homem. Isso mostra que muitos padrões de comportamento resultam do fato de que o homem aspira ou imita ideais ou concepções negativas, justamente para evitar sua sombra.

O HOMEM APAVORA-SE PERANTE SEU SUBCONSCIENTE

Quem pensa e vive de modo liberal pode facilmente rejeitar o ambiente ao redor tomando-o por primitivo, arrogante, frio ou conservador. O conservador pode, por outro lado, rejeitar o liberal considerando-o imaturo, ingênuo, fraco de caráter. Porém, em ambos vive tanto uma como a outra imagem ideal, apenas num é uma metade que ele reprime e no outro é a metade inversa. Uma metade atua como sombra inconsciente e a parte dominante, consciente, tenta escapar dessa sombra em si mesmo e nos outros. Assim o homem apavora-se perante a parte de sua personalidade que julga negativa. Essa atitude determina suas percepções e suas decisões.

No entanto, como os opostos são dois aspectos da mesma coisa, a sombra, de vez em quando, olha de soslaio pelos cantos e a personalidade apavorada apressa-se a encobrir sua nudez. Aí pode entrar em cena uma forma extremada de reação, como por exemplo, o fundamentalismo. Mas também pode acontecer uma completa reviravolta. Por exemplo, muitos se voltaram para o cristianismo depois de se terem entregado sem restrições ao sexo, às drogas, ao álcool, à criminalidade, etc. Esses elementos, agora tidos como negativos, formam neles uma nova sombra. E assim sua conversão nada resolveu.

Quando uma pessoa segue o caminho de uma Escola Espiritual sempre ocorrerão desmascaramentos de suas sombras. Mas, se tudo caminhar bem, a personalidade anelante percorre nessa Escola uma senda de purificação interior e libertação. Em seu ego, ela se torna consciente das reações de sua sombra nesse caminho. Não foge mais do confronto e aprende a resolver seus problemas através das forças anímicas que crescem em seu interior.

ALGUMAS DECISÕES SÃO REQUERIDAS

Tais pessoas são como sobreviventes de um naufrágio. São atiradas em uma praia desconhecida. Estão extenuadas, mas também absolutamente positivas. Neste estágio não é estranho que cheguem à conclusão de que deve haver grande mudança na vida que levavam até então. O filme *Castaway*, com Tom Hanks no papel principal, é um bom exemplo disso. Muito do que foi recém-adquirido mostra-se valioso e resiste, outras coisas perdem seu brilho e só têm vida curta.

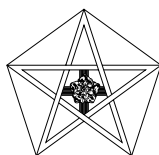
Do mesmo modo seguem-se novas experiências se o aluno voltar-se para o caminho transfigurístico e, de forma conseqüente, colocar o seu eu à luz desmascaradora. Desenvolve-se, então, um processo de purificação de dentro para fora. A personalidade tenta compreender esse processo. Com efeito, de início ela reage, no mais das vezes, com uma interpretação tipicamente pessoal. Mas, paulatinamente, ela aprende a dar suficiente liberdade ao ser de luz primordial dentro de si para que este possa evoluir. Dessa maneira, esse ser de luz dissolve a sombra, apoiado pela personalidade. A decisão de entregar-se a esse ser de luz, à nova alma, deve ser tomada absolutamente por livre vontade. Não é apenas uma decisão importante, mas o buscador deverá continuar tomando uma

porção de decisões para poder seguir a vereda da libertação interior. Não faltarão situações com o intuito de tirar o homem desse caminho. Elas o compelem a estar sempre atento para que possa prosseguir na senda.

Quando a primeira decisão for tomada, a primeira promessa à luz for feita, nunca faltará energia e conhecimento para abrir as portas seguintes. Por mais fraca e imperfeita que seja a nossa personalidade, o núcleo de luz em seu interior está ligado à fonte primordial e é alimentado e dirigido por ela. Talvez o buscador pense que o estabelecimento dessa ligação e o estudo fiel da doutrina da libertação o transfigurem com a rapidez de um relâmpago. Mas esse processo exige tempo e dedicação incondicional. Contudo, a luz interior torna-se cada vez mais clara e os elementos com os quais a sombra está construída tornam-se conhecidos, parte por parte. Daí resulta verdadeiro autoconhecimento que não é obtido a partir de um livro, mas da atividade prática da vida cotidiana libertadora.

AS BARRAS DA GRADE DA CELA APENAS GANHAM UMA NOVA COR

Então se comprova também que não faz sentido desenvolver e proporcionar espaço ao oposto da sombra, o assim chamado bem. Com isso apenas se inverte a polarização e as barras da grade da cela simplesmente ganham uma nova cor. Mas não desaparecem. Trata-se de reconhecer a sombra do passado na vida presente e no passado cármico e não mais alimentá-lo para que seja paulatinamente dissolvido pela luz da libertação. Dessa forma, o guardião do umbral retrocede.



*Os astrônomos avaliam o número de galáxias
como a Via Láctea em 400 bilhões, até agora.
Assim emudecemo-nos diante da grandiosidade
do mistério que aí está oculto. E que está oculto
também no homem! Daí provém sua busca,
seu anseio por conhecimento e sabedoria,
por investigação, por compreender
e abranger.*

(Não pode ser o que não pode ser! Página 19)